

Biblioteca
Parana 



15
formas
BREVES

Contos de jovens autores paranaenses

15
formas
BREVES

Contos de jovens autores paranaenses

BETO RICH

Governador do Estado do Paraná

JOÃO LUIZ FIANI

Secretário de Estado da Cultura

JADER ALVES

Diretor Geral da Secretaria de Estado da Cultura

ROGÉRIO PEREIRA

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

IVENS MORETTI PACHECO

Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

REVISÃO

Vanessa C. Rodrigues

IMAGEM DA CAPA

Guilherme Pupo

EDIÇÃO E SELEÇÃO NÚCLEO DE EDIÇÕES

Luiz Rebinski

Marcio Renato dos Santos

Omar Godoy

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Thapcom.com

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

15 formas breves – Contos de jovens autores paranaenses / Núcleo de Edições da Secretaria de Estado da Cultura. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2017.

164 p. : 12 x 18 cm. - (Biblioteca Paraná)

ISBN 978-85-66382-20-4

1. Contos brasileiros.

CDD (22ª ed.)

B869.3

APRESENTAÇÃO	5
ANDRESSA BARICHELLO Repetição	9
BOLÍVAR ESCOBAR Exposto	19
BRUNO COBALCHINI MATTOS Dois esboços	29
BRUNO VICENTINI Meus pares	41
DAVID EHRLICH Barbatanas	49
GABRIEL PROTSKI Escala de Baumé	57
GUY FAUSTO As pretensões do velho Fausto.....	63
JOÃO PAULO MARCOWICZ Santo de gesso, culpa invisível	77
KAYO AUGUSTUS Abismo	89
LUIS FELIPE FERRARI Conto de Natal	97
MARCELI MENGARDA Cloaca	111
MARCO AURÉLIO DE SOUZA Scrap buk	121
MATEUS RIBEIRETE A incrível e triste história de Leopoldo Pantog, o garoto que urinava haicais	129
MURILO LOPES Scott	141
WILAME PRADO Juninho	155

APRESENTAÇÃO

O conto é um gênero marcante e recorrente na literatura do Paraná, a partir de uma tradição inaugurada ainda no século XIX e consolidada por Dalton Trevisan, que há mais de 50 anos escreve e publica ininterruptamente. Autores contemporâneos, mesmo os que se dedicaram ao romance e à poesia, também transitaram pela narrativa breve. Jamil Snege (1939-2003), Manoel Carlos Karam (1947-2007), Valêncio Xavier (1933-2008) e Wilson Bueno (1949-2010) deixaram contos em meio aos seus legados experimentais, assim como Luci Collin, Cristovão Tezza, Miguel Sanches Neto e Domingos Pellegrini, entre tantos outros, que seguem produzindo narrativas curtas.

Levando em consideração essa tradição, a Biblioteca Pública do Paraná, por meio do jornal *Cândido*, selecionou contos de autores entre 18 e 30 anos, nascidos ou radicados no Estado. Foram selecionados textos de Andressa Barichello, Bolívar Es-

cobar, Bruno Cobalchini Mattos, Bruno Vicentini, David Ehrlich, Gabriel Protski, Guy Fausto, Kayo Augustos, João Paulo Marcowicz, Luis Felipe Ferrari, Mateus Ribeirete, Marco Aurélio de Souza, Marcell Mengarda, Murilo Lopes e Wilame Prado.

O título desta antologia é inspirado na fundamental coletânea de ideias *Formas breves*, de Ricardo Piglia (1941–2017). Em um dos ensaios, “Novas teses sobre o conto”, o escritor argentino reflete sobre o tempo de gestação de uma obra literária. Para ele, a “espera” até que um conto ou romance seja iniciado é tão fundamental quanto outros elementos da escrita de ficção. Em outras palavras, Piglia diz que a experiência do autor como ser humano — e toda carga sentimental inerente a essa existência — é um elemento crucial. “A arte é uma atividade impossível do ponto de vista social, porque seu tempo é outro, sempre se demora muito (ou muito pouco) para ‘fazer’ uma obra”, diz.

É a partir desta chave que os textos dos jovens autores aqui reunidos podem ser lidos. São contos de escritores em formação, alguns deles estreando em uma publicação, mas que buscam captar, com temáticas variadas, as marcas do nosso tempo: a efemeridade das relações, a

autorreferência, os novos canais de informação e as discussões de gênero, por exemplo. E, se a dicção é a do século XXI, as narrativas tratam de questões atemporais, como solidão, incomunicabilidade, vício, desejo, perda, amor, morte e outros dramas humanos.

Os contos de *15 formas breves* também dialogam, direta e indiretamente, com narrativas de mestres do gênero, como Anton Tchecov, Katherine Mansfield, Guy de Maupassant, Jorge Luis Borges, Machado de Assis, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Sérgio Faraco, Sérgio Sant’Anna e Antonio Carlos Viana — o que sinaliza que ninguém é uma ilha, muito menos estes 15 jovens autores que miram o passado e esboçam caminhos para o futuro.

48 contos paranaenses, coletânea organizada por Luiz Ruffato em 2014, é um dos títulos publicados pelo selo Biblioteca Paraná para comprovar a pluralidade do conto paranaense ao longo de quase dois séculos. Agora, *15 formas breves* contempla outras vozes, de várias regiões, mapeando a intensa atividade literária do Paraná.

Luiz Rebinski, editor do *Cândido*.

ANDRESSA BARICHELO

REPETIÇÃO

Você não sabe o que era ter sido, digo, você não sabe o que era ser uma lésbica nos anos 1970. Naquele tempo a gente, digo, nós mulheres, deveríamos nos casar bem cedo. Mulher de 30 era a balzaca, tinha ficado pra tia. Se devíamos eu não sei, mas o fato é que casávamos, naturalmente. Dezenove às vezes, 23 o mais comum, 27 o primeiro filho, pras mais medrosas.

Porque burguesas e porque tantas coisas, a gente se traía. Às vezes a gente se traía, digo, muitas de nós nos traímos, inclusive eu. Não parecia possível ser diferente. Casei. Com o Régis.

Sempre achei os traços dele um tanto femininos, é verdade. “Esse rapaz tem mãos de moça”, meu pai dizia. Em parte pelos dedos de pianista, eu acho, a outra porque Régis era mesmo o tipo *bon vivant* que nunca precisou trabalhar. Engravidei na lua de mel, correspondendo à expectativa de todas as futriqueiras do bairro, da cidade e da família, embora tenha trepado pouquíssimo e nunca gozado.

Mas, nada traumática a parte da transa, viu? Eu já sabia o que esperar... Não era nenhuma donzela. Como esse lance de virgindade nunca me fez questão, tinha me encafifado com o Cícero umas vezes antes. Coisa após as aulas da tarde, a pretexto de estudarmos juntos para a prova do Pacheco. Eu mesma o agarrei. Lembro bem a primeira vez em que o puxei pra junto. Quase o arrastei pro beliche do quarto de visitas. Na minha cama eu não queria; ter que dormir em cima depois, sei lá. Então foi assim: falávamos da festa dos Koviskievucz e de repente o beijei na boca com a força de um tapa, num rebu que bem poderia chamar-se koviskievucz não fosse essa a palavra a já designar o sobrenome dos anfitriões da noite anterior.

Era como se eu quisesse de uma vez e logo ter certeza da certeza que já tinha, pode? Mas não era nojo do pau do Cícero; era meio dó. Como se ele achasse que meu coração disparava e eu o olhasse como um menino nu e seu pintinho e me deitasse com ele por alguma maciez, no celebrativo da nossa parca amizade... No que ali podia me brotar de maternal. Eu emprestava meu quente para ele se deliciar e ria um pouco. Dava, enfim. E era um misto de poder e solidão, como estar sóbrio na roda dos ébrios. Mas ter o outro frágil, rendido e devorado entre as minhas pernas era também de um divertimento triste, como erguer caça, que é deslealdade e morte, como troféu. Transamos naquele mesmo dia do beijo. Eu, é claro, depois daquilo nunca me fiz de apaixonada. O Cícero não demorou a pedir minha mão em casamento.

Acho que ele não entendia como eu, depois de ter me despachado toda sem muita cerimônia, não o desejava, não fazia barganha. Foi lá em casa contar tudo ao papai, num gesto que me pareceu mais despeito que amor. Recusei a proposta, é claro, e dizem as más línguas que ele nunca me esqueceu. Até hoje, até-hoje. É mole?

É curioso como alguns homens só conseguem amar as mulheres que não gostam de trepar com eles. Seria o legado do amor romântico, do amor cortês, do complexo de Édipo?

Lembro da Val... Ela tirava o couro do Aristides. Os dois juntos eram um fogo só. Ela louca por ele, ele louco por ela, coisa do tipo pau duro na cantina ao trocar olhares fulminantes em pleno intervalo. Mas o casório dele, debaixo de muito protesto, aconteceu com quem? Com a Jane. A moça da rua de cima, filha única e meio beata, que sonhava ser freira para desespero da família de posses. Desesperado também ficou meu pai após o lance com o Cícero. Se apressou em arranjar tudo quanto era pretendente antes que todos soubessem que aquele moço meio corcunda e com cara de tonto tinha comido a filha dele. “Esses são os piores, esses são os piores.”

Aí apareceu o Régis, filho do Ribas, dono da metalúrgica. Sendo curta e grossa: o Régis era um putanheiro e um cheirador, a fama dele era das piores. Mas eu, naquele mesmo ímpeto que outrora provei com Cícero, propus-me ao desafio. Não que eu quisesse converter o homem ou tivesse esperança de que ele pudesse dar jeito

em mim, é que nossas trocas de olhares, embora não produzissem a descarga elétrica ao sabor do caso Val x Artistides, pareciam a promessa de um acordo brando e tácito, um convite para que um, benevolente, adotasse e amasse exatamente a porção transgressora do outro, acobertando assim cada pecado como só uma mãe permissiva o faria. Na psicose de nós dois, que ele pudesse indefinidamente ser o comedor das franguinhas, viúvas e secretárias porque a esposa não daria a mínima. Favor seria, aliás, que voltasse para casa já tendo expurgado toda a testosterona... Mas, ledo engano.

Após um namoro rápido e de intimidades superficiais, Régis, já sabendo que eu não era o suprassumo da castidade, veio exaltado de veias na lua de mel, achando, por certo, que meu caso era o de uma lascívia que não pôde esperar casamento e que até então se continha sem contudo arrefecer tão somente pelo desejo de — fosse ainda tempo — arrumar marido. Lembro quando Régis disse que mais virtuosos do que aqueles a pecar nunca são os que pecam e desejam corrigir-se.

Repeteco não teve. No dia seguinte à noi-

te, depois de um dia de recém-casados típicos, ele cheirou todas numa outra cabine do cruzeiro e me bateu, dizendo que havia se casado com a minha boceta arrombada só pela grana dos Penha de Campos. Dói, não é?

Papai era dono da maior granja da região. Desci dois dias depois em Santos. Mamãe me esperava. Ao Régis, a polícia. Eu, ao Pedro. Sim: ainda não sabia, mas estava grávida. O casamento foi anulado. Mas papai estava mais calmo. Pelo menos minha honra estava recomposta; para todos os efeitos, era uma mulher jovem ludibriada por um galã que meio mundo já sabia não ser para casamento. Fui, aliás, o consolo de muitas moças que suspiravam pelo gajo e quase brigaram com a família para casar ou fugir com ele. Depois de ter apanhado como mártir, a confirmação de que o sujeito era homem que bate em mulher franqueou a algumas que, sem arrependimentos, celebrassem bodas com moços bons... Tipo o Cícero.

Quem diria que justamente aquelas “mãos de moça” se levantariam para mim, não é? Mas, Régis foi o que tinha de ser. Nunca procurou ser pai, o que, julguem à vontade, até achei bom.

Soube que montou banda famosa, bateu noutras tantas mulheres e a certa altura deu um chá de sumiço em si mesmo levando, é claro, o que restava da herança do pai. Dizem que virou ermitão, o que eu duvido. Pai, foi o meu que criou o Pedro. No fundo acho que o sonho dele era criar esse moleque, pois só soube fazer minha irmã e eu, embora desejasse um macho.

O triste é que, espécie de mãe solteira com repiques de viúva de marido vivo, me acomodei naquilo e deixei que a família assumisse responsabilidades que eram minhas. O prazer de minha mãe sempre foi dizer que eu nunca soube cuidar sequer de mim... Queria mesmo era viajar com a companhia de teatro, frequentar saraus, botecos, quebradas. Descobri a poesia; também nas orgiazinhas que fazíamos depois das madrugadas. Porque nelas tinha a chance de trepar com mulher, ainda que, como pedágio, tivesse sempre de me deixar traçar por algum carinha inconveniente. Pior quando eram dois. Menos mal quando eram velhos. Sempre fui indulgente com o tipo babão. Uma vez um gagá conhecido da turma pagou para assistir eu e a Sônia. Ficou lá batendo punheta sozinho enquanto ela chupa-

va meus peitos e me masturbava... Acho que ele percebia o meu real prazer, embora continuasse de pau mole. Triste.

Soninha foi uma paixão e tanto. Naquela época me transformei no estúpido Cícero com declarações de amor feitas a quem, constrangido, preferia jamais ouvi-las. Ela era apaixonada pelo Zeca, o dono do bar. Ele, um cafetão donjuanizado só fazia explorar ao arranjar showzinhos como aqueles que fizemos juntas para o velho. Nossa paga era a farra, mas o cara resolveu tirar proveito embolsando algum. A barganha com o desejo nos cobra sempre um preço alto. Com o tempo, fui me escolando e fugi das ciladas. Conheci e namorei cantoras, atrizes, intelectuais... Mulheres lindas e inteligentes.

Agora o que posso dizer é que você não sabe o que é ser uma lésbica de 70 anos com um filho de 40. Pedro fez 40 em janeiro. Fazia dois meses que ele não aparecia aqui em casa porque minha namorada alemã estava, segundo ele, abancada no quarto de hóspedes. Veja bem: no quarto de hóspedes.

Ele diz que sou velha demais para ter uma amante. Faz questão de dramatizar: amaaaããnte.

Mãe-sapatão-que-vergonha. Como se ninguém soubesse. Meu talento na cozinha e minha vocação para o cuidado não fazem frente ao asco dele pela guerra das aranhas. O voo dela partiu ontem. Não teve filhos.

Pedro, como tivesse apanhado na rua, hoje se deitou em meu colo, menino. Toquei seus cabelos de leve, indulgente, embora ferida. Pedro, meu filho, em meus braços. Fosse, ele mesmo, Cícero. Fosse, ele mesmo, Régis. Fosse, ele mesmo, meu pai.

Andressa Barichello nasceu em São Paulo e hoje mora em Curitiba. É mestre em Direito e Literatura pela Universidade de Lisboa. Também é cofundadora do projeto Fotoverbe-se.com, no qual realiza vivências com artistas. É autora do livro *Crônicas do cotidiano e outras mais*, vencedor do prêmio Alejandro Cabassa, da União Brasileira dos Escritores (UBE), e publicado em 2014 pela Scortecci Editora.

BOLÍVAR ESCOBAR

EXPOSTO

Júlio sabia o que a cobradora do ônibus havia comido no café da manhã: uns cinco ou seis pedaços de mamão, uma torrada com manteiga e uma xícara cheia até a metade com café preto misturado com leite. Líquidos esses que lavaram os anteriormente citados alimentos enquanto desciam, formando uma massa âmbar na qual já pouco se distinguiam as cores da fruta. O mamão é um ótimo ajudante para o processo digestivo, pensou Júlio, porque ele se encontrava no estômago de várias pessoas dentro daquele ônibus naquela manhã — fato que se repetia em várias

outras manhãs quando o auxiliar de laboratório pegava aquela mesma linha de ônibus.

Não lhe causava mais estranheza que, por meio de seus olhos, os processos internos de outras pessoas viessem ao seu conhecimento. Deparar-se, enquanto caminhava pela rua ou pelos supermercados cheios, com pessoas invisíveis, foi praxe na vida de Júlio desde que ele se sabia por gente — no lugar de seres humanos, próximos ou distantes, familiares ou desconhecidos, a única coisa que seus olhos captavam eram os nutrientes que vagavam pelo interior de seus corpos. Ele conseguia ver o almoço recém-ingerido pelas pessoas em seu tortuoso e enviesado caminho, que começava na boca, caía pelo esôfago, era processado pelo estômago, absorvido pelo intestino e, finalmente, iluminado pela luz do fim do túnel no intestino grosso. Seu chefe no laboratório, Pedroso, por exemplo, gostava de comer fritura no almoço. Júlio já se acostumara a ver coxinhas e pastéis se fragmentando no intestino do cientista. Aos poucos a comida ia sendo enxugada em um bolo fecal que, no dia seguinte, aparecia ainda no estômago, esperando ser expelida.

Júlio, em uma espécie de pacto trágico com sua espetacular condição, admirava não mais as pessoas, mas apenas o que elas comiam. Seu objeto de interesse, suas reflexões, tudo passou a ser centrado naquilo que os outros colocavam no próprio prato nos restaurantes ou onde quer que fizessem suas refeições. Júlio passeava por regiões diferentes da cidade e prestava atenção no que cada bairro mais ingeria. Caminhando pelas regiões mais ricas encontrava filé de peixe, comida bem temperada e sucos exóticos, cujas cores originais não poderiam ser reconhecidas, agora misturadas às massas sólidas.

Passeando pelos centros das cidades abarrotados de transeuntes, Júlio via, nas beiradas, os corpos invisíveis de pessoas com pouquíssimo alimento dentro de si. Por vezes via tais corpos segurando desesperadamente pedaços de pão ou uma quantidade pequena de arroz e feijão ingeridos dias antes, cujos nutrientes iam pouco a pouco sendo aproveitados como se estivessem em uma espécie de estado de alerta decretado pelo governo de um país corpóreo pouco habitado por comida.

Júlio conseguia reconhecer, assim, pes-

soas que tomavam muito remédio, cujos estômagos eram habitados por cápsulas prestes a se decompor. Reconhecia vegetarianos, veganos, crudivoristas, frugivoristas, diabéticos. Júlio reconhecia também pessoas com intestino preso e sempre se impressionava com a quantidade de fezes que estavam lá, aguardando pacientemente pela libertação.

O rapaz já não tinha mais nojo de fezes, aliás, porque várias das pessoas que com ele interagiam não pareciam, aos seus olhos, nada mais do que fezes de alguns dias acumuladas, flutuando visíveis na altura da cintura, das quais seu nariz já imaginava o cheiro mesmo sem nada dele sentir, mas que, não obstante, faziam parte de um ser humano, como ele. Algumas pessoas, testemunharia Júlio, digeriam mais vagorosamente. Em outras, os alimentos eram violentamente castigados por um estômago ácido e mal-humorado. Algumas pessoas faziam questão de compor o famigerado “prato colorido” no almoço, cujas saladas verdes, alaranjadas e vermelhas contrastavam com o amarelo e o branco das proteínas.

Naquela manhã, naquele ônibus habita-

do por digestores de mamão, Júlio a viu. Magra, quase esquelética, com braços folgados dentro de roupas já pequenas. Júlio demorou alguns segundos para perceber que, no lugar de uma pessoa invisível com comida dentro, ele via uma garota. Pela primeira vez, durante toda sua vida, alguém de carne, osso, pele, cabelo e roupas estava parado diante dele. E apertando o sinal para descer do ônibus.

Júlio não teve tempo de pensar. Decidiu que naquele dia iria avisar o receptáculo de fritura que era seu chefe de que infelizmente se atrasaria para o trabalho: seguir a garota visível era uma questão de obrigatoriedade instantânea. O assistente de laboratório sequer pensava em uma suposta beleza física da menina ou em atração sexual: Júlio revelaria em instantes sua real intenção em descobrir o que a passageira misteriosa da linha 117 comeria no almoço. Ele sempre se imaginou descobrindo os restos de alguma pessoa morta no interior do estômago de outra, o que acabaria fazendo-o perseguir um canibal assassino para finalmente usar seu poder para o bem. Mas a perseguição em questão nada tinha de criminosa ou *noir*.

O nome dela era Anabela. Adorava panfufas em formas de animaizinhos, adorava estudar matemática e adorava a série de televisão “Cosmos”, dentre outras coisas que Júlio viria a descobrir ao longo do relacionamento. Naquele dia, ela almoçou um prato exageradamente carregado em comparação à sua estatura física, com arroz, feijão, uma macarronada com molho bolonhesa, salada de batata, quibe, alguns talos de brócolis, um bife de frango grelhado e, por cima disso tudo, um suco de maracujá. E depois comeu sobremesa: pudim. E depois foi embora do restaurante ainda sem perceber que era seguida por Júlio, que visionava a “perseguição” sendo conduzida pelo resto da vida se necessário fosse, tamanha era sua curiosidade.

Veio bem a calhar que Júlio não precisou de muito tempo para ser descoberto. Anabela suspeitava desde o almoço que estava sendo seguida. De trejeitos ariscos e desconfiados, a magreza em pessoa olhou de canto de olho por alguns minutos para o rapaz semi-careca a observá-la e ponderou algumas opções, como por exemplo chamar a polícia, pedir um táxi para sair de perto daquele quarteirão, entrar em uma

loja qualquer ou, em um surto de coragem, conversar com o perseguidor.

O que tornava Anabela especial era o fato de que Júlio nunca tinha 100% de certeza do que estava dentro do estômago da moça. Ele a via comer, decorava o que estava no prato, mas os hábitos da menina eram pouco pertinazes: por vezes comia muito de uma só vez, fazendo desaparecer montanhas de grãos, massas e carnes. Em outras ocasiões, não comia nada por longos períodos de tempo, fazendo Júlio imaginar um estômago vazio e melancólico.

A infrequência alimentar só fazia aguçar a curiosidade do rapaz, que já se sentia à vontade para compartilhar com sua parceira os fatos e mistérios em torno da excepcional capacidade de ver as pessoas por dentro. Anabela se sentiu desconfortável no início, imaginou seu namorado como um mutante ou um ser de outra dimensão, de inexplicáveis atributos para a ciência humana. Mas saber que ela era a única pessoa que Júlio poderia realmente ver, animava-a. Era certamente fonte de felicidade ser tão especial.

Entretanto, a curiosidade que enfeitiçava o namorado estava fadada a conflitar com a difi-

cil situação na qual a saúde de sua amada se encontrava. Conforme ele perceberia com o tempo, a infrequência alimentar de Anabela tinha sua origem no distúrbio bulímico que a acompanhara na infância e juventude. Ironicamente, o que Júlio não via dentro do intestino dela, encontrava por vezes na pia ou no chão do banheiro, junto às lágrimas de impotência de Anabela.

A bulimia foi a forma que, de um jeito ou de outro, expôs os nutrientes ingeridos pela menina para Júlio, que, de repente, em um baque seco de pesar em sua consciência, não mais cultivou a curiosidade que riscou a faísca de seu amor: diante de seus olhos, Anabela estava cada dia mais transparente. Júlio percebeu que conseguia ver as paredes e os móveis da casa através do rosto de sua amada. Os braços dela deixavam a luz passar, sem formar qualquer sombra. Dentro do intestino de Anabela, Júlio começava a ver a comida, os restos do almoço, do café da manhã, do lanche da tarde, do que não fora regurgitado. Dia após dia, Anabela se esvaía.

E o que começou naquela manhã no ônibus, desaparecia junto com a imagem de Anabela. A menina especial que agora era invisível,

mas insistentemente vista por Júlio quando fechava os olhos, em lembrança.

Bolívar Escobar nasceu em Erechim (RS) e vive desde 2008 em Curitiba (PR). Formado em design gráfico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), cursa mestrado em Design de Sistemas de Informação na mesma instituição. Já teve textos publicados em periódicos como o jornal *RelevO*.

BRUNO COBALCHINI MATTOS

DOIS ESBOÇOS

No primeiro dos dois desenhos, Orundellico tem a cabeça ligeiramente projetada à frente do corpo e sua postura se assemelha à de um símio. O nariz eleva ao centro de olhos inexpressivos e percorre metade da extensão do rosto, apontando para um recuo brusco da ossatura situado na parte inferior da face. O cabelo repicado, de corte rudimentar, completa o aspecto selvagem do retratado.

No segundo dos dois desenhos, apesar do nariz largo e saliente, Jemmy Button tem as mesmas feições e o mesmo olhar altivo observados em qualquer jovem europeu do século XIX.

Ambos os retratos foram feitos pelo Capitão FitzRoy, que em 1829, à frente do *Beagle*, levou Orundellico a Londres. Foi ele também quem, no comando do mesmo navio, devolveu Jemmy Button à Terra do Fogo quatro anos mais tarde.



O naturalista justapôs as duas ilustrações e aproximou-as da luz para observar os detalhes com nitidez. Demorou-se por alguns instantes ao compará-las, mas foi logo vencido pelo cheiro da queima do óleo de baleia exalado pelo lampião. O odor sórdido tomava conta do ambiente da cabine, intensificando o enjoo que ele experimentava em viagens longas, às quais ainda não se habituara totalmente. Precisava tomar um pouco de ar.

Antes de abrir a porta, ainda puxou a corrente de prata que escapava do bolso e tinha presa à outra extremidade um relógio dourado.

Uma inutilidade, pensou, conferir as horas nas quais a rotina inexistia e as ações são ditadas apenas pela necessidade. Passavam sete minutos das duas da manhã. Ninguém da tripulação circulava pelo navio, e ainda assim os barulhos eram incessantes. As tábuas rangiam, o som das ondas se amplificava; o movimento a bordo parecia maior do que ao longo do dia. Marinheiros de primeira viagem tinham a sensação de navegar rodeado por fantasmas.

Caminhando pelo convés, ele se aproximou da proa e, recortada contra a escuridão tumultuada à sua frente, percebeu uma silhueta de baixa estatura. Apoiada na amurada, inclinava-se contra o mar como se estivesse prestes a se atirar no oceano. Por um instante, o naturalista sentiu o ímpeto de correr em sua direção e impedir o ato, mas logo reconheceu o rosto de Jemmy que, alarmado pelo barulho, voltara-se para ele. Parecia muito tranquilo.

Jemmy Button (o naturalista nunca soubera por que o Capitão FitzRoy havia escolhido esse nome) era o jovem da Terra do Fogo; o mesmo que, na última semana de dezembro, atraía dezenas de pessoas ao cais do porto para assistir

à partida do *Beagle* rumo à América do Sul. Ao longo de toda a viagem, o garoto demonstrara certo prazer por saber-se centro das atenções e objeto de estudo.

Mas o naturalista pouco lhe dirigira a palavra, e soube que aquele era um bom momento para fazê-lo.

— Pegando um pouco de ar fresco também? — perguntou.

O garoto encarou-o fixamente por alguns segundos. A atenção do naturalista se deteve nos olhos de seu interlocutor. Lembravam duas pequenas azeitonas negras e reluzentes, em cujo brilho não se discernia qualquer expressão. Jemmy desviou o olhar para as tábuas de madeira no chão, e o naturalista entendeu que aquilo não era introspecção — o garoto apenas não compreendera a pergunta. Por isso, repetiu a frase pronunciando as palavras com um cuidado especial:

— Você também precisou vir aqui para fora? Para sentir um pouco de vento no rosto?

A resposta veio automática, embora acompanhada por um sorriso:

— Sinsenhor.

— São complicadas essas viagens, ainda mais para nós que não estamos acostumados. Três meses e ainda sinto ânsias.

Ele se posicionou ao lado do garoto e recostou as mãos na amurada que os separava do mar. Distraiu-se, tentando discernir a linha do horizonte sob a pálida iluminação da lua minguante. Sentia os pensamentos se recomporem gradualmente com o cheiro de sal e longas distâncias que temperava a brisa fresca. Jemmy acompanhava o movimento das ondas em silêncio.

Uma coincidência notável, encontrá-lo ali àquela hora, logo após analisar os desenhos. Mas era natural que o garoto tivesse dificuldades para dormir — afinal, estava prestes a voltar à sua terra de origem após tantos anos. Examinando o garoto de perto, o naturalista confirmou que o Capitão fizera jus aos seus traços no segundo retrato, e por isso aceitou também o primeiro como verossímil. Ah, os efeitos da civilização! Só assim era possível explicar a transformação pela qual o menino passara. Além de ter o cabelo bem ajeitado, vestia um suspensório azul-escuro sobreposto a uma camisa justa e tinha os sapatos bem engraxados, mesmo após

tantos dias ao mar. Era irreconhecível se comparado ao da primeira ilustração. Até o rosto se tornara mais humano.

— Você se chama Jemmy, não é mesmo?

— Jemmy Button, sinsenhor.

— Sim, sim... Por favor, desculpe-me a indiscrição... mas... por que Button?

Por óbvio, a família do garoto não tinha sobrenome britânico. Se é que tinha sobrenome.

— Button, sinsenhor. É porque, quando me pegou, o senhor FitzRoy deixou um botão de madrepérola para a minha mãe.

— Um botão de madrepérola?

— Sinsenhor. Quando eu ainda não morava na cidade, o senhor FitzRoy queria me levar para Londres pra eu aprender e depois ensinar minha família, e me trocou com minha mãe. Deu um botão de madrepérola pra ela e me levou. Era um botão muito bonito.

Tudo aquilo havia sido uma grande dor de cabeça para o Capitão, que regressara à Europa logo após a aprovação de uma nova lei proibindo qualquer tipo de transporte escravagista em navios britânicos. Diziam os amigos mais próximos que, não fosse a sua inquestionável boa-vontade

ao resgatar o menino e civilizá-lo (corroborada pela reputação construída ao longo de toda uma vida a serviço da Coroa), as punições teriam sido as mais severas. No entanto, ele escapara sem maiores complicações além de devolvê-lo à sua terra assim que houvesse uma oportunidade.

O naturalista acompanhara tudo de perto; afinal, a decisão do tribunal influenciava diretamente o planejamento daquela viagem que tanto antecipara. Por isso, inteirou-se da história o máximo que pôde, mas sempre com a sensação de que as descrições eram insuficientes para uma compreensão real das condições em que o garoto se encontrava antes de ser resgatado. Sabia-se que ele vivera com uma tribo de índios Yaname em uma região próxima ao Estreito de Magalhães. Os Yaname eram facilmente reconhecíveis, pois andavam praticamente despidos em uma região de temperaturas baixíssimas e vento incessante. Lá, o garoto não era Jemmy Button, mas Orundellico.

Em Londres acreditava-se que, a exemplo dos agrupamentos de nativos na Oceania, as tribos que habitavam a zona ao sul de La Plata não eram de seres humanos, mas de uma espécie adjacente. Por isso, fora motivo de surpresa que

Jemmy, uma vez catequizado, houvesse incorporado os códigos de etiqueta britânicos e aprendido a falar inglês, apesar das limitações. Passados cinco anos, podia-se dizer com alguma segurança que o selvagem do primeiro desenho já não existia.

Ainda assim, o menino ficara muito agitado com a perspectiva de ser levado de volta à Terra do Fogo. Desde o início da viagem, recontava sua história com grande satisfação a quem demonstrasse interesse, comparando o que conhecera na Europa com sua situação anterior, reconhecida por ele mesmo como “primitiva”. Mas, quando perguntado se desejava ou não retornar, o garoto era reticente.

E agora que o momento se aproximava — era, afinal, a última madrugada antes da ancoragem —, sua excitação parecia dar lugar a uma ansiedade nervosa. O naturalista percebeu que provavelmente não teria outra oportunidade de falar a sós com ele, e quem sabe agora não conseguisse obter algumas respostas? Talvez o tempo que Button passara em Londres fosse suficiente para que o garoto também percebesse as primeiras horas do dia como um momento propício às confissões.

— Você deve estar muito ansioso, não?
Estamos muito perto de sua antiga casa.

— Estamos, sinsenhor. Chegamos amanhã.

— E o que você acha disso? De ser trazido de volta?

— Eu sou muito agradecido, senhor. Muito agradecido por tudo que o Capitão fez.

— Mas você queria voltar?

O garoto hesitou. Deslizava o olhar entre os movimentos do mar reluzente e os próprios sapatos de couro preto. Dentro de um ou dois dias, era possível estivesse descalço. Talvez até estivesse completamente despido, como os seus.

— Você não gostou da Grã-Bretanha?

— Gostei, sinsenhor.

— Então, por que se sente feliz de voltar?

— É porque às vezes eu sinto falta...

Mas de quê, ou de quem? Se tão alegremente subira a bordo, como o Capitão relatara, e tão alegremente se exibira nos mais altos círculos de Londres.

— Sente falta?

E, naquele momento, a resposta do menino soou incompreensível:

— Eu sinto falta do fogo.

No dia seguinte, Button foi deixado junto a uma tribo de selvagens na península de Woollya, o mesmo ponto onde havia sido recolhido pelo capitão alguns anos antes, e a embarcação seguiu por um rio caudaloso rumo à parte interna do continente.

Mas aquela última frase ficaria na cabeça do naturalista até ser esclarecida, três semanas mais tarde. Tendo a expedição concluído as medições geográficas do extremo Sul da América — um dos pretextos da viagem, assim como o garoto —, o *Beagle* regressou à baía repassando o mesmo caminho que traçara na ida. Conforme o navio se aproximava do oceano, a tripulação distinguiu uma imensa fogueira na margem direita, distante não mais de um quilômetro do córrego que percorriam. Um marinheiro chamado John Thompson, que também participara da viagem anterior, comentou:

— Vê aquela fogueira enorme? Como os Yaname andam sempre nu, precisaram achar um jeito de se manter aquecido. Por isso acendem es-

sas fogueiras nos pés das montanhas, protegida da chuva, e só se afastam pra caçar e buscar comida. Nunca deixam o fogo apagar. Comem do lado delas; acordam do lado delas; dormem no chão, do lado delas, e fazem todas as necessidades ali, do lado delas.

Thompson olhou naquela direção por mais alguns segundos e, antes de se retirar para cuidar de suas obrigações, concluiu:

— Não são gente. Vivem que nem bicho.

Naquela mesma noite, recolhido à sua cabine, o naturalista anotou provisoriamente em seu caderno que a definição das espécies era, assim como se diria um século mais tarde a respeito das relações de parentesco, uma criação essencialmente arbitrária.

Bruno Cobalchini Mattos nasceu em Porto Alegre (RS), em 1990, e vive em Foz do Iguaçu (PR). É graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estudou Literatura e Línguas Modernas na Universidad Autónoma de Madrid. Trabalha como tradutor e jornalista.

BRUNO VICENTINI

MEUS PARES

A percepção das coisas externas me invade. Estou em minha cama, ainda de olhos fechados, tentando decidir há quanto tempo já estou acordado. As fronteiras do sono sempre me intrigaram. O fato de que acordar e adormecer são ações que não se pode realizar de maneira realmente consciente, isso porque o momento crucial, a transição, invariavelmente nos escapa. Sendo assim, é como se não fosse eu quem dormira, muito embora tenha vestido pijamas e apagado as luzes. Da mesma forma, se não sou eu quem acorda, deve ser outra pessoa qualquer. A cada manhã acordo outro. Deitado em minha

cama, lembro-me ainda do que estava sonhando, mas sei que logo essa impressão onírica não estará mais comigo, não importa o quanto eu me esforce para mantê-la. Resolvo então levantar, mas antes me viro e estico o braço esquerdo para procurar meus óculos, que não encontro no local onde devia tê-los deixado.

Quando deito para dormir, deixo sempre meus óculos no mesmo lugar sobre a mesinha de cabeceira: ao lado de umas ranhuras na madeira que devem ser de outra época, visto que desconheço sua origem e que desde sempre estiveram ali, ao meu lado e ao lado dos meus óculos. Todos os dias quando acordo, com as janelas fechadas e o quarto ainda envolto em penumbra, tateio por sobre o móvel para encontrar meus bifocais e apenas posso encontrá-los após tocar o ponto arranhado da madeira. Somente então consigo obter a noção de que os óculos estão ali logo ao lado, o que me permite então encontrá-los e vesti-los, recuperando assim não apenas o sentido pleno da visão, mas um pouco de todos os outros. Não seria possível achar os óculos diretamente, negligenciando o criado-mudo e sua bizarra cicatriz. Sem antes

tocar o tosco entalhe da mobília, posso perambular pelo meu quarto procurando os óculos por horas e horas, sem sucesso. Por isso a importância de deixá-los sempre no mesmo exato lugar a cada vez que me deito para dormir. Já não sei mais quantos pares perdi por ter ido dormir distraído, ou exausto, e ter esquecido de posicioná-los no lugar correto, ou a conta das vezes em que cheguei em casa bêbado e os larguei displicente em outro lugar qualquer. Talvez o quê, uns cinquenta pares? Pares de óculos que estão extraviados pelos confins do meu quarto, todos ao meu alcance e nenhum que eu possa verdadeiramente encontrar.

Se eu tivesse certeza do número e fossem mesmo cinquenta pares perdidos, estaria hoje adicionando o quinquagésimo primeiro à lista. Desde quando esses óculos se acumulam por aqui? Levanto-me e tudo é difuso, só enxergo vultos, tateio meu caminho por entre as paredes e as estantes do meu quarto. Por sorte conheço bem este ambiente e consigo me guiar sem distinguir absolutamente nada do que vejo. No armário, chego a fingir que estou escolhendo as roupas que vou vestir, quando na verdade so-

mente posso torcer para que não formem uma combinação esdrúxula. Ao me virar para sair chuto algo que sai batucando pelo piso (uns óculos?) e vai parar no corredor.

Antigamente, quando eu perdia minhas lentes, bastava contar com alguma ajuda para recuperá-las, porque sempre havia pessoas perdidas pelo meu pequeno apartamento, fosse a hora que fosse. Havia à minha disposição a mais variada corja de amigos boêmios, empenhados numa eterna tertúlia. Na maioria das vezes, não era preciso nem mesmo sair da cama para encontrar alguém que encontrasse meus óculos. Mas já faz algum tempo que estou sozinho e é por isso que agora os óculos vão se amontoando pelos cantos. Desconheço o paradeiro dos meus parentes e a identidade dos meus amigos. Não consigo culpar ninguém por ter me abandonado. Tenho apenas curiosidade em saber se a última pessoa a definitivamente sair teve consciência de que estaria me deixando nesta situação peculiar.

Saio do meu quarto tomando conhecimento do caminho pelas paredes. No momento em que percebi que estaria sozinho no mundo,

soube que precisaria me virar quando acordasse sem minhas lentes no criado-mudo por qualquer motivo. Saí e comprei imediatamente um par de óculos reserva, com um modelo diferente de armação, à qual não estava acostumado e com a qual me sentia ridículo, a fim de que não fosse me acostumar com as lentes sobressalentes e elas passassem assim à categoria de principais — servem apenas para ir à loja, sempre a mesma ótica, adquirir novos pares. Deixo o par de reserva na sala de estar, também sempre no mesmo exato ponto — ao lado do telefone, cuja origem da mesma forma desconheço e que não me lembro de ter atendido sequer uma vez. O telefone nada mais é que uma referência, uma vez que os óculos sobressalentes não poderiam ficar guardados no meu quarto, é óbvio, pois assim seriam apenas um par como os outros, aqueles que são impossíveis de achar. Prossigo tateando até encontrar o aparelho, logo ao lado os óculos cafonas e largos demais pelos quais tenho verdadeiro afeto, por serem os únicos que nunca me abandonaram, desde o fatídico dia em que as pessoas se foram e eu passei a perder óculos como rotina, em meu próprio quarto. Volto a

conseguir entender o que são as coisas que estou enxergando e somente ao perceber que minha respiração agora se acalma é que vejo que ela havia se alterado.

Deixo de lado todos os afazeres do dia, acerca dos quais nem cheguei a refletir, em prol do compromisso mais urgente que se me apresenta: comprar um novo par de óculos. Saio de casa sem me preocupar em trancar a porta.

Desço as escadas sentindo a ponte escorregar levemente por sobre meu nariz a cada passo, e a cada lance de escada vencido a empurro de volta para o topo, tocando um ponto exatamente entre meus olhos, enquanto tento não olhar muito para baixo. No entanto tropeçar seria ainda mais desastroso. São apenas cinco andares até a portaria, onde o porteiro me cumprimenta com um meneio de cabeça que não ousa repetir. Ele que, em outras épocas, acostumou-se a ver de tudo e mesmo assim sempre manteve uma discrição inabalável, provavelmente já se acostumou também a me ver sair periodicamente consternado e com estes pares de óculos estranhos, porém sua discrição continua a mesma.

As ruas estão quase vazias. Chego a pensar que é domingo, mas vejo que o comércio está funcionando — os estabelecimentos comerciais cheios de vendedores ociosos e vazios de clientes. Percebo, pelos olhares pouco amistosos dos funcionários parados nas soleiras das lojas, que devo transparecer uma certa agonia, esse rapaz que o tempo todo empurra os óculos de volta para a posição correta, por que ele não compra uns óculos menores? Não têm como saber que aquele caminhar que observam tem como destino final exatamente uma loja de óculos. Ou eles estão somente preocupados com o pouco movimento, com a perspectiva de perderem seus empregos. A minha ótica de confiança fica a apenas quatro quadras. E a encontro fechada. Nenhum cartaz de luto, nenhuma explicação. A perspectiva de ter que comprar um par de óculos em qualquer outro lugar transforma minha agonia em uma crise de nervos.

Quando paro para refletir acerca do que fazer, recebo nas costas um tapa que não consigo distinguir se é amistoso. Sou projetado para frente e, meus óculos, largos demais, são arremessados. À medida que se afastam de meus olhos,

vou perdendo a capacidade de enxergá-los, até o ponto em que nem mesmo consigo vê-los caindo. Espero ouvir o barulho deles batendo na calçada, mas não ouço nada.

Bruno Vicentini nasceu em Cascavel e vive em Maringá (PR). Com o microconto "Vendeu os cabelos para comprar um chapéu", obteve o segundo lugar no concurso literário promovido pela XXI Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2010. Também participou do projeto Contos Maringaenses. É servidor do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

DAVID ERLICH

BARBATANAS

Daniela não sabia como foi parar no meio do precipício. Em um instante, ela estava junto com suas amigas, olhando a vista para o mar lá de cima; no instante seguinte, sua mão, agarrada à rocha, era a única coisa que a impedia de cair.

— Daniela! — Camila gritou do alto.

— Segure firme!

Samanta apenas olhava enquanto Camila deitava na beira do precipício e esticava o braço. Não era por preguiça: Camila era alta, tinha braços longos e fazia academia, enquanto Samanta era magrinha.

— Só mais um pouquinho... — Camila

se arrastou apenas dois centímetros para frente, para conseguir agarrar os dedos de sua amiga.

Foi o suficiente para perder o equilíbrio e cair em cima de Daniela.

Samanta até tentou segurar Camila pelas pernas, mas como era fraca demais, acabou sendo arrastada junto para baixo.

As três caíram ao mesmo tempo na água. Olharam em volta. A rocha na base do precipício era lisa demais. Não havia como escalar de volta para cima. Teriam que nadar até alguma praia ou coisa parecida.

Começavam a nadar quando viram a enorme barbatana se projetando para fora da água.

As três nadaram furiosamente. Mas para onde? Onde poderiam escapar da barbatana? Daniela viu então uma pontinha escura brotando sobre a água. Parecia uma ilha. Nadou naquela direção. Camila e Samanta a seguiram. A barbatana também.

Daniela foi a primeira a alcançar a ilha, embora chamá-la assim fosse exagerado — era só uma ponta de rocha brotando para fora da água. Mas uma vez em cima dela, a barbatana não poderia pegá-las.

Camila chegou logo em seguida. Daniela a ajudou a subir. Olharam então para a terceira amiga, e entraram em desespero: Samanta nadava devagar, desajeitada, e a barbatana estava perigosamente perto dela.

— Rápido, rápido! — Gritavam.

Samanta conseguiu chegar perto o suficiente da rocha para esticar os braços e ser puxada para cima, exatamente no mesmo instante em que duas fileiras de dentes surgiam perto de suas pernas. Elas desapareceram assim que seus pés tocaram a rocha. Alguns segundos depois, a barbatana afundou para dentro d'água e sumiu de vista.

Samanta arfava. Daniela olhava para a costa, surpreendentemente longe. Como é que as três foram parar ali?

— Aquilo era um tubarão? — Samanta perguntou. Tremia de medo e cansaço.

— Não me importo com o que era. — Camila respondeu. Olhava assustada para a água. — Só sei que era grande, tinha dentes e nadava atrás de nós. — Virou-se para Daniela — Alguma ideia do que fazer agora?

— Bom... Acho que vejo uma praia lá

— Daniela apontou para o que parecia uma faixa de areia — Mas é longe pra caramba. E tem mais. — Apontou para a água. Entre a praia e a rocha, nadava a barbatana, junto a outras três.

— Ah, ótimo! — Camila resmungou — E agora? Ficamos aqui até alguém nos ver?

— Nem adianta. Viajamos para cá justamente porque é um canto quieto, esqueceu? Vai demorar dias até alguém aparecer.

— Então... É nadar e torcer para não ser comida, não? — Camila suspirou — Está bem. Eu vou. Posso nadar até a praia, depois de lá ir até algum lugar e pedir ajuda.

— Não, eu vou. Eu que fiquei perto do precipício, eu que assumo o risco.

— Eu que assumo o risco... — Camila imitou com desprezo — Estamos falando de coisas que podem arrancar um pedaço teu! Não venha com essa de “é tudo culpa minha”, não vou aceitar!

— Então vamos juntas. Nado tão bem quanto você, e com duas de nós há mais chance de uma chegar lá.

— Eu vou junto. — Samanta disse.

—Não. — Daniela retrucou — Não tem

como você nadar no nosso ritmo. É melhor ficar aqui até conseguirmos ajuda.

— Mas... — Daniela apontou o indicador para Samanta, mostrando que não queria discussão. Samanta ficou quieta, embora preocupada.

— Vamos. — Daniela disse para Camila. Juntas, pularam na água e nadaram, deixando a amiga para trás.

Mal começaram a dar braçadas, as quatro barbatanas se voltaram para elas.

— Vá para lá! — Gritou Camila, fazendo gestos com a mão para Daniela se afastar. Esta, obediente, separou-se da amiga.

As duas agora nadavam paralelamente, com vários metros as separando, em direção à praia. A ideia era fazer com que as barbatanas se dividissem para caçar as duas. Não havia muita lógica por trás disso além de certo senso de justiça entre elas.

As quatro barbatanas, porém, voltaram-se para Camila. Podia-se entendê-las: Camila era mais alta e musculosa — logo, mais carne.

Ao ver as barbatanas nadando em sua direção, a garota controlou-se para não entrar em pânico: continuou nadando o mais rápido que

conseguia, tentando desviar dos predadores. Mas não adiantava: estes apenas mudavam de direção, e eram mais rápidos que ela.

Daniela, vendo aquilo, nadou para tentar ajudar, mas quando chegou perto já era tarde: Camila estava cercada pelas barbatanas, cujos dentes lhe rasgavam o corpo.

Daniela perdeu o controle. Meteu-se entre as barbatanas, e começou a dar socos em seus corpos, arranhá-los, até mesmo mordê-los. Os animais, sendo criaturas que agem por instinto, perceberam que aquela presa não valia a pena, e foram embora, deixando o corpo ensanguentado de Camila para trás.

— Vá na frente... — Camila conseguiu ainda dizer para Daniela — Eu consigo te seguir... — Daniela não queria abandoná-la, mas acabou cumprindo a ordem, afastando-se, sabendo que Camila não a seguiria.

Estava a poucos metros da praia, pensando em Camila morta e Samanta abandonada na rocha, quando sentiu uma forte mordida na perna. Uma das barbatanas, mais faminta, decidiu voltar.

Daniela chutou e socou a criatura, até por um acaso furar seus olhos com os dedos. A

barbatana, com dor, largou-a e foi embora, deixando sua perna rasgada e inutilizável.

A garota ainda fez um último esforço para alcançar a praia. Arrastou-se pela areia, incapaz de se levantar. Mas estava em terra firme. Poderia fazer uma tipoia, mancar até algum lugar e...

—Você... — Falou, ofegante — Está... Brincando...

Pouco além da areia, estava o paredão da costa. O que separava a ilha em que Daniela estava da terra firme era uma faixa de água, impossível de atravessar com uma perna.

David Ehrlich nasceu em Detmold, na Alemanha, e vive em Curitiba (PR) desde os 3 anos de idade. Cursa jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mantém o blog *Meu Currículo, Fazer o Que*, sobre crítica de cinema.

GABRIEL PROTSKI

ESCALA DE BAUMÉ

Na primeira vez que fui visitar o Jaime na clínica, ficamos em silêncio por quase uma hora, quinze anos de amizade nos poupam de certos diálogos dispendiosos. No momento de ir embora, ouvi com clareza o que seus olhos me diziam, não podia abandoná-lo, e não o fiz. Na semana seguinte houve a necessidade de falar, de abraçar, de chorar; é difícil permanecer impassível quando seu colega de quarto é internado após tentar serrar os pulsos com um serrote, dessa vez era isso que seus olhos e braços me diziam. Os suicidas estão à procura de

sua própria justiça, na qual a morte é a sentença final. O Jaime não era um suicida, ao menos não nos moldes convencionais, já que tomar uma garrafa de destilado por dia vinha se mostrando uma técnica efetiva para acabar com a própria vida. Seus sorrisos tornaram-se raros, pequenas ilhas de alívio no caos murado da instituição; os espaços cada vez menores, a alma tumultuada, a mente entulhada. Não sei o que tive mais medo de ver, se um surto ou a depressão profunda, um conforto mórbido me tomava ao vê-lo flutuar entre ambas hipóteses. Foi na décima terceira semana que decidimos que algo precisava ser feito.

Nunca concordei com essa internação, entendendo-a, não é fácil para família alguma ter alguém fora de controle, mas não posso compactuar com isso. Lá fora o Jaime era a materialização da beleza na desordem, um furacão que arrasa um campo de rosas para se encher de cor. Aqui ele não passa de um sopro, incapaz de espalhar as pétalas de um dente de leão. Onde esse ímpeto se perdeu? Na abstenção do álcool ou da vontade própria? Troquei minhas mágoas pela vergonha depois de descobrir o motivo de não ter sido ouvido em algumas visitas; certo dia trocaram o Jaime de quarto,

sem consentimento algum ele foi amarrado em sua cama e transferido para outro cômodo, frio e com janelas menores. A crise de identidade se apossou dele, não se sentia mais um homem, era agora objeto. Não tinha mais nome, por isso não atendia quando o chamavam, tornou-se coisa, dessas que trocamos de lugar por mero paisagismo e descartamos quando causam problemas. Definitivamente, não existe amor sem empatia.

Uma hóstia podre e carcomida pelos vermes ainda é o corpo de Cristo? Era a pergunta que me fazia todos os dias em que tinha que encarar um Jesus deteriorado na sala de espera da clínica. Dois mil anos com os pulsos pregados, quanto tempo mais era possível aguentar esse tipo de tortura? Na décima quarta semana cumpri com o combinado, depois que o Jaime voltou a ser alguém, a gente mergulhou num saudosismo afável, de quando éramos quem queríamos ser: bêbados que culpavam o álcool pelas próprias frustrações artísticas.

Pouco dormi na semana que antecedeu esse dia, nos momentos em que o cansaço venceu a angústia sonhei com prédios ruindo, maldito sonho que não me abandona. Deixei o carro embai-

xo da figueira de sempre, há quem diga que ela é a árvore da vida, também dizem que foi onde se deu o enforcamento de Judas Iscariotes. Minhas mãos suam, agora seriam incapazes de dar um nó em qualquer corda. Como já me é habitual, encaro Jesus, com todas as minhas dúvidas.

Enfim chamam pelo meu nome. No caminho até o quarto, o enfermeiro elogia minha decisão de trazer Toddynho e Trakinas para meu amigo, diz que nos últimos dias os internos passaram à pão e água. Só meneio com a cabeça. É minha vez de engolir as palavras, sento em frente a ele e respondo com os olhos o seu questionamento. Trouxe? Estico a mão e lhe entrego, sinto medo, receio, vontade de me livrar logo disso e seguir em frente. Ele sorri nervosamente, a ansiedade lhe obriga a contrair seu maxilar, tomado pela dúvida, se espera o momento certo ou se entrega agora. Suo frio, quero ir embora, mas não consigo nem me levantar, nem virar o rosto, ele fura a superfície de alumínio com o canudinho e bebe tudo num gole só. Sorri com leveza, me abraça com calor, me pede pra voltar na semana seguinte. Vou embora me arrastando, as costas arqueadas carregam o peso de uma cruz, quan-

tas mentiras conseguimos contar durante a vida?

Procuro no calendário onde foram parar os dias da semana que se foi, não há negociação, já é véspera de visita novamente. Encaro a prateleira do supermercado: água de coco ou suco de laranja? Nunca fui um bom alquimista. Li dia desses que vão menos conservantes na água de coco, sei lá que diferença isso faz. A cena é cinematográfica, chego em casa e busco a sacola com meu kit, me sinto um coadjuvante de *Trainspotting* com uma seringa pontuda em mãos. Furo o fundo da caixinha de água de coco e retiro metade do líquido, a mão que segura a garrafa de vodka treme, encho novamente a seringa e preencho a embalagem usando o mesmo furo de antes, tapo a abertura com um pedaço milimétrico de durex. Torno a pegar a garrafa de vodka, a mão ainda tremendo, sirvo uma dose e bebo num gole só. Choro, por mim e por todos os bêbados que insistiram em criar descrença em seus queridos. Sóbrios ou não, permanecemos assistindo a ansiedade tomar conta.

Gabriel Protski é artista gráfico e participa do coletivo literário Obscenidade Digital. Nasceu e vive em Curitiba.

GUY FAUSTO

AS PRETENSÕES DO VELHO FAUSTO

Mas antigamente era igual agora, meu querido. A mesma coisa. Só que antes era menos — dizia Fausto, erguendo o antebraço inteiro para levar o cigarro à boca. — O que acontece... — interrompeu para engolir o restinho de cerveja do copo — é que agora tem muita coisa pra te distrair. É esses negócio aqui, ó: aparelho celular, que tem que tá trocando toda hora, e tá sempre piscando pra atualização disso e daquilo. É notícia lá do Japão que nem aconteceu direito e teu vizinho, teus colegas, tua filha já tão sabendo. É

satélite lá na Antártica dizendo que vai chover
mês que vem.

— GPS no carro...

— GPS, meu jovem, tá vendo! No fundo
as coisas são igualzinho como era antes, só que tá
todo mundo perdido nesse um milhão de bagu-
lheira e atualização e não consegue lembrar mais
como era. Que no fim era a mesma merda.

— Não, mas peraí — interveio o rapaz
que cutucava os filés de carne da grelha —, não
tá tudo diferente, então? Você disse que tá tudo
igual, mas se agora tem isso tudo, e aí?

— Mas se eu tô te falando, piá. Não im-
porta se as coisas mudam, não vai ter mais nego
pra entender o que mudou. É isso! E tem um
monte de coisa que nem muda mesmo. Esquerda
e direita, olha lá, sempre existiu. Mas o pessoal
inventa que “ah, agora não sei o quê.”

O churrasqueiro achou melhor não insis-
tir. Era a primeira vez na casa e só por ter levado
cerveja e estar cuidando da carne não tinha ain-
da liberdade para penetrar nos grandes debates
do recinto. Quem continuou dali foi o próprio
filho de Fausto, Fernando, que contestava o pai
sem panos quentes, mas fazendo graça das abs-

trações do velho e até procurando fisgar quem fizesse graça junto. Fausto aceitava as gracinhas sem largar o discurso.

Do outro lado da mesa, Rodrigo, amigo antigo de Fernando, se distraía com o palitinho, tecendo movimentos calmos e ocultos para disfarçar o ritmo acelerado com que devorava o prato de linguicinha Bizinelli. Já tinha trocado a inicial cara de tédio com que acompanhava a conversa por um sorriso de canto. Em dada altura da conversa, sentiu o desejo incontrollável de se posicionar.

— Mas não mudou nada então, seu Fausto? — Interpelou.

— Mudou que agora ninguém vê que tá tudo igual. Nego assiste notícia e já...

— Ah! Mas então continua tudo igual.

— Tem muita coisa que muda, mas é que nego assiste notí...

— Ah, tá. Tudo diferente então.

Fausto sustou a frase para encarar o rapaz. Manteve o instante suspenso por alguns segundos, alimentando um silêncio de *front*: o corpo, em pé, absolutamente estático, senão pelo leve bambaleiar do equilíbrio ébrio, perceptível

no braço que sustentava o copo.

— Ah, vai te fudê, Rodrigo. Tô falando sério aqui...

O rapaz disparou numa gargalhada expressiva.

— Falei pra não deixá o véio bebê que ele fica chato — descarregou Rodrigo, antes de se perder noutra gargalhada, acompanhado agora dos demais.

— Liga não, Fausto, o Rodrigo não tem cabeça pra esses papo — disse alguém.

— Verdade, seu Fausto. Se deixar, esse aí fala a noite toda dos 3 a 1 que o time dele levou anteontem — lembrou outro.

— Falo a noite toda da tua mãe de calcinha, otário, respondeu Rodrigo, verdadeiramente ofendido (pelo time).

No outro dia, Fausto acordou com uma leve dor de cabeça que, calculou, em meia hora estaria vencida pelo combo de ibuprofeno e café preto açucarado. Na sala, bateu a caneca no tampo da escrivaninha e iluminou o rosto com os três parágrafos de um texto político que ele compunha para postar no Facebook. A peça estava exatamente como ele tinha largado no dia anterior

para receber a gurizada para o churrasco. Torneiro mecânico aposentado, Fausto adquiriu um interesse especial pela crônica depois que perdeu contato com as pilhérias diárias dos ex-colegas. A rotina dos causos e das piadinhas, além de lubrificar as horas de trabalho, inibia as demandas intelectuais do torneiro que, agora acumuladas, efervesciam furiosas.

Depois de dois anos de descanso previdenciário, Fausto estava já consolidado na prática opinativa-virtual. Pelo menos um texto por semana: essa era a meta que ele cumpria mesmo sem tê-la imposto a si mesmo. As insatisfações brotavam dele como brotariam de um carcereiro encarcerado; a gravidade dos ideais, em teor incabível às palavras, vazava sua plenitude através das falhas de síntese dos textos. A escrita corria livre, sem as amarras do bom senso e da compostura que mantinham calado o resto da humanidade. E, ao fim, o movimento do mouse que colocava em público os seus postulados. Um clic plácido e seguro de um doutor (assinava como doutor, inclusive: “Autodidata em ciências sociais”, era o que ele hasteava depois do próprio nome) e o produto deste fenômeno imediatamente

te se convertia em poluição visual no *feed* dos contatos que ainda lhe restavam.

Fausto leu rapidamente o primeiro parágrafo, pulou o segundo, passou o olho pelo terceiro e apagou tudo. Tinha outra ideia na cabeça. Assunto sério desta vez. Antes mesmo de conceber a primeira linha, já sorria com a reação dos leitores. Se arranjou na cadeira, posicionou os dedos rijos sobre o teclado e começou a bater com força nas teclas. Título: *Os tempos não mudaram*.

Cinco minutos imersos nisso e já surgia à sua volta a barulheira de porta batendo, farfalhar de embalagem plástica, potes de vidro chacoalhando em cima da geladeira, colherinha batendo em xícara...

— Pai, cadê a chave do Celta? Teu carro tá na frente do meu — anunciou Fernando, surgindo da cozinha de camiseta e cueca. Aos 32 anos, o garoto tinha já a própria vida — com o próprio emprego, o próprio carro, os próprios amigos — metida dentro da vida do pai.

Fausto apontou para onde estariam as chaves sem dispersar atenção a isso. Mais concentrado do que nunca, escrevia com a mesma

vontade de sempre, mas, aparentemente, sem a mesma tranquilidade. O filho encontrou a chave largada em um canto improvável da casa e saiu resmungando porta afora. Voltou pouco depois pra pendurá-la na porta e vestir a calça, antes de desaparecer definitivamente.

Mesmo depois de ficar sozinho, no entanto, Fausto concebia o texto de forma viscosa, escorregadia. Coisa incomum em seu procedimento: apagou quase tudo. Praticamente tudo que teclava, na verdade, era *backspace*. As palavras não pareciam mais carregar a mesma certeza. Alguma coisa nova ali acanhava os devaneios do autodidata. Algo que tocava a nudez de suas verdades e transformava em vergonhas. A lembrança de uma frase, talvez, jocosa, que desafiava a dialética simplória do autor. “Mas não mudou nada então, seu Fausto?” Sim, era isso: “Ah! Mas então continua igual”. Era o que salpicava da memória, no tom mordaz do amigo do filho, e que vinha abalando, até torcer, as linhas do texto.

Já nos primeiros momentos desse impasse, Fausto passou outra garrafa de café, que consumiu com metade do maço de Carlton. Corria o próprio texto de fora a dentro, de lado a outro,

de cima a baixo; abria outras janelas, nervoso, lia uma notícia, depois voltava ao texto e repetia tudo. A ansiedade, ele não sabia, é o que mais aprofunda essas crises. Nem sobre coisas graves é possível se expressar bem sem um pouquinho de leveza na alma. E Fausto, ali, era um navio submerso. Não demorou muito para fechar o texto e excluir o arquivo.

O trauma inédito afastou temporariamente Fausto das crônicas. A primeira semana em meses sem subir um *post* na *timeline*. Até mesmo dos comentários inoportunos nos *posts* alheios o aposentado parecia estar se abstendo.

Ninguém notou a princípio, mas na segunda semana surgiu uma *selfie*: a cabeça sexagenária do lado esquerdo e o lago do Parque Barigui ao fundo da foto. Deu mais o que falar do que toda a sua pretensa bibliografia. Quarenta e duas curtidas e três comentários ganharam o *post*. A liberdade das obrigações críticas, parecia, estava devolvendo cor à vida do homem. Nos *posts* do Facebook, ao invés de paredes de textos furibundos, começaram a pipocar fotos dele pelos cartões-postais da cidade, clips de sucessos dos anos 1980 e vídeos engraçados envolvendo

animais ou apresentadores de programa de auditório. Quando começaram a surgir, no *feed* de notícias do filho, novas amizades femininas do pai, o garoto desconfiou.

— Voltando à ativa, seu Fausto?

O velho respondia com um sorriso baixo, impossível de dissimular, que logo tapeava lembrando o filho de suas próprias promiscuidades virtuais.

Depois, as escapadas noturnas. Fausto chegou a sair três noites seguidas, voltando sempre lá pelas tantas. Certo dia, quando chegou a tempo de encontrar a cara consternada do filho, perguntou, sorrindo, quando iria ser o próximo churrasco em casa. O próximo seria na casa do Rodrigo, respondeu Fernando. O pai insistiu, disse que não se importava de ter a gurizada toda ali, que sexta seria ótimo.

O filho, de certa forma, sentia rachar a polida intimidade que coexistia em casa, dando motivo a um estranhamento por alguém que se inventava próximo demais. O respeito entre pai e filho normalmente se mantém, apesar das diferenças de temperamento, na crença mútua, nos efeitos da diferença etária. Uma vez que o pai

desaparecia com as diferenças, a crença também ia embora.

Um pouco desconfortável, mas não menos curioso, o filho mudou o endereço do churrasco. Seria ali mesmo, informou no dia seguinte, e o pessoal ia chegar lá pelas oito.

Quando finalmente chegou sexta, Fausto já tinha tudo preparado. Ele mesmo cuidaria da grelha dessa vez. Às oito e meia o carvão já estava e ele já tirava a carne do tempero. A mesa arrumada igualzinho da vez passada. As músicas na lista do PC — as mesmas. Quando os três carros estacionaram na frente da casa, vindos de um *happy hour* no Largo da Ordem, Fausto tirava o primeiro prato de linguicinha.

— Nem comemos ainda, seu Fausto, porque falaram que o negócio aqui hoje ia tá bom — veio dizendo o primeiro que apareceu pela porta da garagem.

— Opa! Aí sim, hein Fausto! — celebrou Rodrigo, ao avistar o prato de linguicinha já cortadinha em cima da mesa.

O bate-papo se desenrolou naturalmente entre a piaçada, como de costume. Quando a coisa parecia se embrenhar em algum assunto,

o próprio Fausto era quem lançava uma palavra genérica para trazer a conversa de volta à superfície. O velho evitava ao máximo interferir ou se estender em qualquer coisa que dizia. Mantinha, secretamente, tudo sob controle. Quando já eram umas duas e meia da manhã e as latinhas vazias já escorriam de cima da mesa rumo ao chão, e a alegria das expressões exageradas já contagiava o ambiente mais que qualquer outra coisa, Fausto achou que era o momento. Enfiou a mão no bolso para pegar o celular. Ia anunciar qualquer coisa quando Pedro, o churrasqueiro da festa anterior, interrompeu.

— Mas, ei, Fausto. Tá quieto aí, homi. Achei que a gente ia ouvir mais da tua sabedoria hoje — disse sorrindo, considerando necessário que alguém verificasse se estava tudo em ordem com o velho.

— É nada não, Pedrão. São ideias em desenvolvimento ainda, brincou Fausto.

— Que nada. Eu acho legal. Faz bem pensar, ter umas conversas inteligentes e tal. Eu vi que tu escreve, cara. Bacana.

— É, é bacana — foi o que Fausto respondeu.

E como tivesse se formado um instante de silêncio, Rodrigo preencheu-o.

— Ei, Fausto. Você não ia explicar pra gente se mudou ou não mudou o bagulho?

Fausto voltou-se a ele sem presa. Fez cara de desentendido.

— Como é, Rodrigo?

— Não é verdade que continua tudo igual? — reiterou Rodrigo, rindo e alternando olhares entre os amigos.

Fausto sorriu.

— Eu sei que você não compreende muito bem os meus pensamentos, Rodrigo. Mas olha só, vou te ajudar.

Fausto ajeitou-se na cadeira e inclinou a cabeça na direção de Rodrigo.

— Vou te dar um exemplo de uma coisa que muda e um de uma que não muda, pra ficar fácil pra você. Uma coisa que tá sempre mudando, Rodriguinho, são as pelancas da sua mãe, que cada dia que eu vejo estão mais caída — e ergueu o tom da voz, coibindo as reações prematuras dos convidados.

— Agora uma coisa que não muda, apesar disso, é a potência da minha ereção quando

eu tô em cima dela — concluiu Fausto, imediatamente imerso pela algazarra de palmas, tapas na mesa e gargalhadas infinitas.

O sucesso da piada foi até maior do que ele previa.

— Liga não, Rodrigão, todo mundo aqui curte a tua mãe, cara — gozava um, e depois outro:

— É, cara. Se deixar o Fausto come a mãe de todo mundo aqui.

A turma levou algum tempo até conseguir desviar do assunto. E mesmo depois, vez ou outra, alguém lembrava Rodrigo da destreza do anfitrião, dando mais um tapa na mesa ou banguçando o cabelo do rapaz.

Bêbado, no entanto, ninguém faz muita média do que é dito e não dito naquelas alturas da madrugada. Poucos amanhecem o dia lembrando de tudo com muita clareza. Felipe acordou ressaqueado. Quando viu o pai já acordado, sentado em frente à escrivaninha, lembrava melhor de onde estava a chave do Celta do que o que o pai tinha dito na noite passada. O próprio Rodrigo só deu conta do caso quando, depois de acordar e abrir o Facebook, como de costume, encontrou a própria mãe marcada numa foto do

Fausto, na qual os dois posavam abraçadinhos em frente à estufa do Jardim Botânico.

No perfil do cientista social, a foto contava com 140 curtidas. O velho, do lado de cá do monitor, saiu da foto para subir outra vez ao seu *post* mais recente: uma crítica eloquente de seis parágrafos às “vãs pretensões da geração y”. Até aquele momento com apenas duas curtidas.

Guy Fausto nasceu e vive em Curitiba. O conto publicado aqui marca sua estreia na literatura.

JOÃO PAULO MARCOWICZ

SANTO DE
GESSO, CULPA
INVISÍVEL

Se não fosse o câncer de meu tio, eu nunca veria o corpo de Suzi nu. Enquanto ela observava a bunda no espelho e acariciava os peitos recém-saídos da puberdade, eu a espiava. Meu tio estava construindo uma casa bem ao lado de onde a menina morava. Infelizmente, a doença no pulmão o levou antes que pudesse concluir a obra. Porém, aquelas paredes que nem reboco tinham, viraram testemunhas das punhetas que bati pen-

sando em Suzi e das gozadas que involuntariamente manchavam minhas camisetas.

Minha casa ficava no mesmo terreno onde meu tio estava construindo, separada apenas por uma cerca coberta de musgos e pregos enferrujados. A janela do quarto de Suzi alinhava-se exatamente com a janela do banheiro da construção supostamente inabitada. Sendo assim, talvez ela pensasse que ninguém pudesse observar a sua colcha rosa-choque, seu corpo cor de leite e os pôsteres de Sandy e Júnior colados na parede.

Suzi experimentava suas lingerie e eu freneticamente batia uma. Meu corpo inteiro suave e minhas panturrilhas estavam à beira de uma câibra. Mas mesmo assim eu continuava aquela trajetória em busca de um orgasmo que molhasse a cabeça do meu pau com o pouco de porra que ainda restava em minhas gônadas. Era a quinta ou sexta punheta do dia. Sentia a mão começar a formigar e o pinto ficar mole, porém não saciava meu tesão por Suzi. Meu pau já criava ferida. Mesmo com ele em carne viva, num gesto de martírio e de prazer, eu continuava a socá-lo em movimentos desvairados. Imaginava-a virada de quatro e eu gozando em

sua perfumadeira repleta de cremes falsificados que sua mãe vendia para as mulheres da vila. A cada batida eu sentia que chegava mais perto do gozo. Meus olhos se retorciam. Meus dedos doíam. Conseguia sentir o orgasmo pulsando em minhas veias, quando de repente ouvi um grito: “Venha já para casa”. Era minha mãe me chamando aos berros. Rapidamente escondi meu pinto para dentro e antes de ir ver o que ela queria, dei mais uma massageada por cima da calça.

Ainda ofegante, subi até a casa tentando me recompor. Arrumei o cabelo e enxuguei o rosto encharcado de suor com um pedaço de jornal caído no chão. Minha mãe não poderia saber que eu já era um homem que ficava de pau duro quando via uma mulher pelada. Abri a porta, ouvi o sermão:

— O que você fica fazendo o dia inteiro na casa de seu tio?

— Já que você não me deixa ir para rua, vou brincar sozinho.

— Falei que não quero ver você andando com esses marginaizinhos. Mas também não gosto que fique brincando lá. Deveria estar estudando. Agora se arrume e vamos para novena

na casa da vizinha, hoje é minha vez de levar a santa e não posso me atrasar.

— Não estou passando muito bem, acho que vou ficar em casa.

Sem dizer uma palavra, ela me olha de revesgueio, pega a santa e dá para eu segurar.

— Desligue a televisão. Se você se comportar, depois passamos na bodega e compramos um doce.

Depois da separação as coisas estavam desse jeito, meu pai a traiu com uma mulher do trabalho, de 22 anos. Lembro de quando ele me disse que eu teria um irmão. Toda a noite eu podia ouvir minha mãe chorando. Nem quando meu tio morreu eu a tinha visto chorar. Os hábitos religiosos vieram nessa esteira. Às quartas e aos domingos ia à missa, aos sábados fazia novena junto com as vizinhas, revezando a posse da santa e os locais da celebração. A cada semana ela ficava numa casa diferente sendo defumada por um punhado de velas compradas no 1,99. Aquele dia, era minha mãe que a levaria.

Sáimos do portão de casa e dobramos o quarteirão. Os mesmos bêbados bebendo e as mesmas velhas conversando sobre a vida alheia.

Algumas crianças jogavam futebol na rua. Enquanto minha mãe carregava as velas, eu carregava a santa e levantava minhas calças que caíam, fazendo com que todas as crianças rissem do meu malabarismo tragicômico. Elas só esperavam a oportunidade de me verem sozinho para me dar uma surra.

Antes que minhas calças caíssem na frente de todo mundo, dobramos a esquina. Nisso, avistei um homem saindo de um Astra preto na frente da casa de Suzi. Ela, com uma saia justíssima e uma regata decotada, chegou logo em seguida, beijando-o na boca. O desconhecido deslizou a mão por todo seu corpo, apalpando sua bunda e seus peitos. Suzi arrancou a mão, o empurrou e discretamente apertou seu pau. Minha mãe viu toda a cena.

— Geni diz que a filha é uma santa, mas sai com qualquer um da rua. Cada dia é um carro diferente. Até teu pai já deve ter se aproveitado dela — disse minha mãe com repulsa e ódio. — Hoje a novena é aqui na Geni, entre e fique quieto. Não vá abrir a boca se não te perguntarem nada.

Continuamos descendo a rua. Eu, hip-

notizado, esqueci de minhas calças e da santa que levava. Ao mesmo tempo que meu coração acelerava, sentia meu pau endurecendo. A única coisa que passava em minha cabeça era a imagem do corpo de Suzi nu, como em um *slow motion* de um filme de comédia sacana. Porém, antes que eu pudesse chegar mais perto, ela entrou no carro. Nunca nossos corpos estiveram tão próximos.

Dentro da casa o clima era mórbido. Velhas gordas, velhas extremamente magras e algumas velhas que já deveriam estar mortas, se acomodavam em sofás velhos. A decoração suburbana remetia à minha casa. O botijão de gás coberto por uma capa de crochê, na estante fotos de família ao lado de garrafas de cidra Cereser, frutas de cera e uma cristaleira em cima da mesa de mármore com quatro cadeiras, comprada em dez prestações. Até o bolo de fubá não escapava de ser coberto com um pano de prato estampado com um beija-flor e uma frase bíblica. Mas o que mais me chamou a atenção foi o odor podre que saía daquelas bocas. O cheiro dos corpos em putrefação recendia por toda a sala.

Geni terminava de fazer os últimos ajustes

antes de dar início à novena. Acendeu as velas, tirou o pó da mesa e colocou a santa em cima. Pegou o terço e a bíblia, quando viu que estava tudo pronto, pediu a palavra.

— Fiquem à vontade. Que comecemos nossa sagrada novena — disse Geni, que lembrava Suzi apenas nos olhos azuis, mas que diferente dos da filha, não apresentavam vida nenhuma.

Minha mãe era a mais viva de todas. Eu ainda conseguia enxergar cor na sua pele enrugada. As unhas manicuradas e a tinta vermelha nos cabelos expressavam alguma esperança. Porém, toda vez que ela barganhava sua alma com uma santa feita de gesso, sua alma ficava mais perto dos vermes que habitam as covas rasas. Covas que já eram habitadas por aquelas senhoras que insistiam em adorar pessoa nenhuma. Talvez as promessas não cumpridas foram o que as levaram a essa esquizofrenia. O filho morto pelo tráfico dezessete anos depois de ser batizado com o nome de seu avô. O marido flagrado na cama com uma puta. A missão de dormir sozinha numa casa assombrada pela depressão de uma vida que diziam ser boa. Justas são as fugas que não apelam para cordas e facas. Contudo, elas

pagaram o preço de morrer sobre carne viva, morrer com o sangue circulando nas veias.

Era difícil de acreditar que apenas a alguns metros da sala a vida transbordava em sua plenitude. Dentro daquele quarto rosa, Suzi fazia homens jurarem amor aos gemidos, esvaindo a vida em suor e gozo. Era a boca salivando que chupava o cassetete. O grito de tesão do homem primitivo. Carne. Prazer terreno. Algo que surgia em cima do asfalto e do barulho dos carros, não em cima de nuvens e harpas angelicais. Enquanto sua mãe rezava, ela se masturbava com um desodorante aerossol, mordendo a fronha para não gemer. A salvação materializada no cheiro de sexo impregnado no ambiente.

O seu quarto me chamava. Eu precisava respirar um pouco de vida, sentir o sangue sendo bombeado até o meu pau. O ar, contaminado pelas velas e pelos corpos em decomposição, me causava náuseas. Armei um plano. Planejei ir até o banheiro e, na volta, entrar silenciosamente no quarto de Suzi. Ninguém iria perceber. Se o quarto estivesse fechado, eu voltaria como se nada tivesse acontecido. Olhei para minha mãe e ela, como num transe, parecia não perceber nada

em sua volta. Até pensei se não era melhor eu ir sem avisá-la, mas se ela percebesse a minha falta, pediria explicações e eu talvez levasse uma surra quando chegasse em casa. O aviso era prudente.

— Mamãe.

...

— Mamãe, quero fazer xixi. Onde fica o banheiro?

Ela levantou a cabeça lentamente, e com um olhar de desaprovação, apontou a cabeça para o corredor. Colocou a boca no pé do meu ouvido e disse:

— Quando chegar em casa vamos conversar. Falei para ficar quieto.

Mesmo com a ameaça, abri um sorriso e segui até lá. No caminho, vi que a porta do quarto de Suzi estava entreaberta, porém, não entrei. Primeiro, era necessário me dirigir até o banheiro para não causar suspeitas. Fui até o final do corredor, abri a porta, mas não fechei após entrar. Observei meu rosto no espelho. Estava suado e levemente vermelho, sinais do meu nervosismo e da agitação que eu não conseguia conter. Saí e bati a porta como se tivesse me trancado lá dentro. Tirei o tênis, e com a ponta dos pés, fui em

direção ao quarto. Com as mãos trêmulas, lentamente empurrei a porta, adentrando no meu destino final.

A partir do momento que consegui entrar, esqueci tanto a possível surra quanto o clima mórbido que pairava sobre aquela casa. Tudo se fazia rosa. O que dominava era o frescor de uma jovem pervertida molhando os lençóis numa noite de sábado. Eu estava dentro do retrato de minhas punhetas diárias. Os pôsteres do Sandy e Júnior, a penteadeira, havia uma vontade de trazer aquilo tudo para meu inferno particular, como se fossem souvenirs de um país que só conhecia através de uma janela. Lá dentro, me vi no espelho que ela se observava todos os dias, encontrei camisinhas escondidas nos bolsos de suas calças, peguei em suas lingerie perfeitamente dobradas na gaveta. Tudo se fazia erótico, oportunidade única para eu me deitar em sua cama e gozar em sua colcha.

Cuidadosamente, tentei achar alguma calcinha suja jogada pelo quarto, uma que ainda tivesse dejetos de sua buceta, secreções, pelos grudados. Não demorou muito e encontrei, ao lado de um par de meias sujas, uma que ainda conser-

vava o odor acre proveniente de sua vagina.

Senti as feridas roçando em minha cueca quando deitei na cama e meu pau começou a crescer desenfreadamente. Passei a língua na parte de dentro de sua calcinha ao mesmo tempo que imaginei nossos filhos correndo pelo parque. Cheirei ela por inteiro enquanto fantasiei Suzi me chamando de amor no *buffet* de sorvetes da praia, no final do ano. Sem hesitar, arriei a calça e bati uma.

A dor proveniente da minha pica, que se encontrava em carne viva, dificultava o ato, fazendo com que eu apenas acariciasse a cabeça do pinto. Porém, a medida em que o tesão aumentava, a dor passava a ser algo secundário, então desempenhei o ato como se fosse a última vez que eu pudesse tocar uma punheta. Observava o quarto, imaginando Suzi de quatro, sendo o cheiro de sua calcinha o propulsor da verossimilhança gerada. Acelerei. Senti que a cama começava a ficar ensopada com o suor das minhas costas. Perdia a noção do tempo, não fazendo ideia de quantos minutos eu já estava lá. Cheguei a achar que Suzi estava na minha frente, que chupava meu pau e mordida minhas bolas. A cama ran-

gia. Vi seu corpo nu, nossas bodas de prata, sua cara gozada, tudo se tornou nítido. Um barulho abrupto irrompeu dentro do quarto. Gozei.

João Paulo Marcowicz nasceu em 1994, em Ponta Grossa (PR), onde vive. É estudante de Direito na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

KAYO AUGUSTUS

ABISMO

Acordou subitamente em meio ao desespero. José Henrique teve um pesadelo do qual não se lembrava, porém desconfiava que tinha sido algo intenso. Ele era um homem gordo de 50 anos. Naquele momento suava muito. O relógio no pulso apontava oito horas da manhã e ao seu lado havia uma puta, com quem havia transado na noite anterior. A nudez da mulher já não o agradava mais, deixou o dinheiro do programa e foi embora sem acordá-la. Teria que encontrar um conhecido para um negócio. José era traficante. Na mão levava uma maleta que continha cinco quilos de maconha. Já estava calvo no cen-

tro da cabeça, era um homem baixo, pernas e braços curtos. Possuía barba rala, nariz achatado, olhos castanhos e sobrancelhas grossas. Andava pelas ruas da cidade tentando se lembrar do pesadelo que teve na noite anterior, porém não conseguiu.

A cidade encontrava-se num momento turbulento por causa de uma guerra de traficantes. Isso atrapalhava as vendas. Seu distribuidor estava perdendo a disputa. José tinha medo de entrar na extensa lista de mortos desse conflito, por isso, após vender a mercadoria que levava na mala, iria sair da cidade. A sua regra era: “Quando a barra esquenta, vaza!” José achava que tinha sobrevivido tanto tempo no ramo devido a essa máxima. Chegou a um bar, sentou-se junto ao balcão, em um banco, e pediu uma dose de vodca. Virou o copo em um gole. A cidade cheirava a sangue. Esperou por alguns minutos até que um garoto pardo sentou ao seu lado. Era a pessoa com quem iria negociar.

— Conheço você desde que era um moleque catarrento, já esperava que fosse vir para esse ramo de vendas. Afinal, o nosso povo do morro ou é fodido ou é traficante — disse José.

— Ou é fodido ou é traficante... — falou pensativo o garoto.

— Você está com quantos anos? Dezoito? Vai foder a melhor parte da sua vida se você for preso agora, tome cuidado com essa mercadoria.

— Sou de menor ainda! Só ano que vem devo me preocupar em ir em cana.

— Ok. Bem, vamos aos negócios. Você trouxe o din....

Assim, do nada, o garoto pardo puxou uma arma, levantando-se do banco do bar, e apontando para a cabeça de José. O homem gordo ergueu as duas mãos e disse:

— O que está fazendo? Me matar por essa mercadoria não adianta nada! Ninguém irá comprar de você e o Gordão irá te caçar até o fim da porra do inferno!

— Isso é guerra, velho! Até o fim do dia o Gordão será um monte de banha morta! Ou é fodido ou é traficante, certo? Bem, a partir de agora você é um traficante fodido!

Dessa maneira, num som estrondoso, José Henrique viu todas as paredes do estabelecimento sendo tingidas de um vermelho in-

tenso. As pessoas que se encontravam no local começaram a se desfigurar, assemelhando-se a monstros. Com o susto, José caiu do banco, porém antes de chegar ao solo, um abismo se abriu no chão. O pavor tomou conta de seu coração, ele se encontrava naquele momento em queda-livre. O buraco possuía uma profundidade terrível. Gritou em desespero, não encontrava alguma maneira de se salvar da morte. Ao chocar-se com o fundo do abismo, sentiu todos os ossos de seu corpo se quebrarem, porém ainda permaneceu vivo. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Nesse momento, surgiu um Ser muito parecido com o garoto pardo, contudo tinha a pele toda vermelha e chifres na cabeça. Esse Ser, sem dizer nada, com uma faca, começou a arrancar os dedos da mão esquerda de José. O homem gritava por ajuda, porém ninguém ouvia. Após retirar os cinco dedos de José, cortou fora a mão direita inteira do traficante com um golpe de faca. O relógio partiu-se ao meio junto ao pulso, a criatura não quis fazer o mesmo processo com o outro membro. Uma tortura insana começou. Logo em seguida, a criatura amputou o braço direito de José. O sangue jorrava pelos

machucados do homem, havia uma poça do líquido em volta dele. Depois começou a brincar com as pernas, com uma mordida engoliu metade do pé do homem, seus dentes eram grossos e afiadíssimos. Aí devorou as duas pernas até o joelho. A dor era horrível! José Henrique chorava feito uma criança, não conseguia fazer nada além de sofrer e gritar. Ele não entendia o que estava acontecendo, não entendia como ainda não havia desmaiado por causa da dor, mas rezava a Deus que tudo isso fosse um pesadelo! Quando o Ser começou a rasgar sua garganta, percebeu que não teria mais volta...

Acordou subitamente em meio ao desespero. José Henrique teve um pesadelo do qual não se lembrava, porém desconfiava que fora algo intenso. O seu relógio no pulso apontava oito horas da manhã e ao seu lado havia uma puta com a qual transara na noite anterior. Deixou o dinheiro na cômoda do motel barato e foi embora sem acordá-la. Andava pelas ruas da cidade tentando se lembrar do pesadelo que teve na noite anterior, porém não conseguiu. Chegou ao bar e sentou-se junto ao balcão, em um banco, e pediu uma dose de vodca. Um ga-

roto sentou ao seu lado. O garoto, depois de algumas palavras, puxou uma arma e apontou para o traficante. José, num som estrondoso, viu todas as paredes do estabelecimento sendo tingidas de um vermelho intenso. As pessoas que se encontravam no local começaram a se desfigurar, assemelhando-se a monstros. Com o susto, José caiu do banco, porém antes de chegar ao solo, um abismo se abriu no chão. O buraco possuía uma profundidade terrível, ao chocar-se com o fundo do abismo, sentiu todos os ossos de seu corpo se quebrarem. Um Ser, com a pele toda vermelha, começou a torturar o homem. Primeiro com uma serra arrancou os dedos da mão esquerda, depois cortou fora a mão direita. Em seguida amputou o braço direito dele e na sequência devorou as duas pernas de José até o joelho. Ele não entendia o que estava acontecendo, não entendia como ainda não desmaiara por conta da dor, mas rezava a Deus que tudo não passasse de pesadelo! Quando o ser começou a rasgar sua garganta, percebeu que não teria mais volta...

Acordou subitamente em meio ao desespero! José Henrique teve um pesadelo do qual

não se lembrava, porém desconfiava que fora algo intenso...

Kayo Augustus nasceu em 1997, em Cornélio Procópio (PR), e vive atualmente em Londrina (PR), onde cursa Letras Vernáculas e Clássicas na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Seus textos foram premiados nos concursos XI Ciranda de Poesia e Conto de Londrina (2015) e 29º FEPOC de Cerquilha (SP, 2016).

LUIS FELIPE FERRARI

CONTO DE NATAL

*E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele
ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido
dele, correndo, o abraçou e beijou.*

Evangelho segundo São Lucas

Era difícil que mamãe passasse além das nove horas com a luz acesa; ela dormia cedo, e sempre muito mal, desde que o primeiro filho nascerá. Dizia que não sonhava, mas que tinha, em alguns amanheceres, memórias de cenas muito ruins e se convencida de serem pesadelos. Isso por-

que papai gostava de ler à noite. Dizia ser o único momento em que encontrava o silêncio e a solidão que a literatura exige. Os livros lhe afanavam qualquer necessidade pelo sonho, com sua farta predileção pelos realistas franceses, uma vez que nem sequer ligava a luz da sala; seus olhos, acostumados a ler no completo escuro, adivinhavam prontamente as letras e as frases. Se dormia mais de três ou quatro horas, era demais. Ele trabalhava em casa, acordava para o *brunch*, enquanto ela saía cedo para o escritório. Eles não comiam juntos jamais, o que a fazia infeliz, mas nenhum dos dois mudava seus hábitos.

Porém, naquele dia, mamãe foi dormir apenas às quatro da manhã, e papai não virou uma página sequer. Fomos ao aeroporto, eu e ela, pois papai ficara em casa à espera, com um bule de chá sobre a mesa e tocando o mesmo trecho de *Tristão e Isolda* infinitas vezes. Lá, por detrás da parede de vidro, o vimos descer a escada do avião com sua farda militar azul-brilhante. Coisa linda os aviões, eu os adorava. Ele nos abraçou com firmeza, numa demonstração abafada, mas catita, de sentimento. Passou toda a viagem do aeroporto até em casa falando sobre

tolices do ofício. Ele trabalhava na força aérea, desde há muito interessado nessas coisas. Quando chegamos, à meia-lua, papai beijou-lhe embigodadamente o rosto.

Meu irmão não vinha para casa havia um ano. Quando criança, ele era toda a minha confraria. Dividíamos um beliche, junto à janela, que nos abrigava com uma brisa morna quase todo o ano. Mas, na verdade, aquilo jamais fora uma cama para nós. Por vezes fora um navio, de forma que éramos descobridores ou corsários; por outras, fora um avião, depois que meu irmão os descobriu, e nós éramos pilotos obstinados em impossíveis viagens, aviadores pioneiros cruzando o Atlântico; por outras ainda, fora uma nave espacial, rumando entre as estrelas e cumprimentando nossos vizinhos mais distantes; ou ainda um submarino, em que éramos Nemo a vinte-mil-léguas e muitos outros mistérios fantásticos. Eram noites alegres, todas elas, suscitadas depois de tardes inteiras de desbravaças. Só não dividíamos as amarelinhas, de que meu irmão não gostava, e os jogos de tiro, quando meu pai o ensinava a atirar com a espingarda, matando passarinhos e latas, pois achavam que eu era novo

demais para essas coisas — e ainda hoje creem nisso. Afinal, meu irmão estava de volta, após um ano, parado ali, com uma árvore verde-amarela brilhante nas costas e repleta de presentes, mais alto e mais largo, quase sem a vistosa cabeleira, e com um jeito estranho de olhar.

Então nos demoramos um pouco na sala, àquela hora apropriada. Meu irmão era assegurado de ter sono e era insistido a ir dormir. Tomaram café, havia pouco para mim ali, diziam — achavam-me muito novo para café e muito jovem para reencontros. Não acreditavam que eu poderia entender qualquer coisa de saudade ou de tristeza. Não, eu não entenderia dessas coisas graves de que só os adultos padecem, porque eu vivera ainda muito pouco para compreendê-las, já que demandam tanta fidelidade e experiência. Meu irmão, a mim, ele não era pródigo, e então estavam certos. Nunca partira: tinha ido para voltar, e voltara. Pouco importasse que aquela noite toda eu, com bastantinha dor, brincara sozinho uma brincadeira para dois. Tinha esperança de que meu irmão e eu novamente dividíssemos o beliche, ele em abaixo e eu em cima, e felicitava-me muito com

isso. Mas meus pais lhe haviam arrumado a cama do quarto de visitas, pois achavam que ali seria mais confortável ao homem que ele agora era. Passei alguns minutos ensaiando que era o Barão Vermelho atirando nos caças dos inimigos brasileiros e fui dormir um tanto desacorçoado, sem compreender aquela sensação estranha que me remontava, e que hoje poderia chamar, não sem prejuízos, de “desgosto”.

Na manhã seguinte, porém, nada poderia me tolher as novas esperanças. Queria muito ver meu irmão, meu velho e verdadeiro irmão, mesmo que noutro corpo e noutros jeitos, pois ele já não tinha o sorriso malicioso nem os jeitos bonachões, mas uma postura militar emaranhada nos gestos ríspidos e decididos, nos olhares precisos e no sorriso torpe. Ele estava lendo o jornal e tomando café na sala, na poltrona de papai, com as pernas cruzadas perpendicularmente, como fazia diariamente nosso pai. Ele não quis o desjejum, queria apenas algo bem forte para lhe abrir os olhos, tirar as olheiras e afinar as tripas. Minha mãe ousou mesmo não se sentar à mesa da cozinha e veio comer ao lado dele. Ele disse que dormira mal, não estava mais acostumado

com aquela casa, aprendera a se esgueirar unicamente pelos alojamentos do quartel. Sentei-me ali também. Mamãe disse que eu não podia, que me era preciso comer na cozinha. Fui, e fiquei junto às empregadas, que sempre me foram boas.

Havia-se planejado todo o dia. Era Natal, era preciso reunir a família e, com meu irmão de volta, era preciso que todos o vissem. Então, se dedicaria um dia inteiro a reuniões em nossa casa. Faríamos um almoço, um café da tarde e uma ceia. Viria meu avô — que morava com o filho mais novo —, meu tio Afrânio, seu filho, Afonso Alberto — que usava apenas o segundo nome —, e sua noiva Angélica, a quem chamavam de Zuzu. A família era pequena, pois bem. Eles chegaram todos juntos pelas dez da manhã. Meu pai recebeu-os para o *brunch*, dando-lhes vinho do porto e torta de frutas na mesa da varanda. Meu irmão era o centro das atenções: abraçavam-no, beijavam-no, apertavam-lhe a mão. Trouxeram ainda mais presentes, que foram deixados com os outros embaixo da árvore. Angélica ainda não o conhecia, mas não gostou do primeiro olhar que trocaram. Como poderia alguém não gostar de meu irmão, meu grande irmão, ainda mais forte

e mais alto do que antes, ainda mais resoluto do que antes? Eu gostava muito de Angélica, e ainda muito lhe estimo. Ela demonstrava em todas as suas falas e expressões uma límpida honestidade, tinha um apaixonante estado de espírito que não se alterava nalguma circunstância, algo que eu então compreendia nas figuras maternas dos livros que lia avidamente. Naquele belo conto de Andersen, ela teria sido a única mulher a comprar fósforos da menininha que os vendia na rua. Ela vinha sempre brincar comigo, e até hoje nos encontramos amiúde. Mas ela não gostara de meu irmão, e isto não era perdoável, pois meu irmão era um grande homem.

Nos encontrávamos todos na sala. Mãe cozinhava, meus tio e primo perguntavam a meu irmão todos os detalhes da vida militar. Meu irmão era de baixa patente, era cabo ainda, mas decidido a fazer carreira na aeronáutica. Lá pelas onze e meia, mãe avisou que o almoço estava quase pronto. Papai pediu que ela esperasse. Quando ela saiu, disse que “a vida comunal se resume à paridade de horários. É preciso casar com alguém que pense cronologicamente igual a você”. Meu primo sorriu, e Angélica disse

que tinham muito mais em comum que meros horários. Meu pai tinha um péssimo costume de não olhar para seus interlocutores quando falava ou ouvia, mas apenas quando queria demonstrar um pequeno detalhe de seu discurso, mostrar que era um bom ouvinte e um orador de pormenores. Parecia crer que tudo o que dizia era apenas para si, que os outros eram meros espectadores de seus monólogos e fornecedores de assunto. Meu avô ficou na cozinha, olhando mamãe cozer. Desde que vovó morrera, ele vivia com tio Afrânio, pois não confiavam que ele fosse suficientemente maduro para viver sozinho. Por fim, ele apareceu e, enquanto ia até a cadeira vaga, bem junto à mesa, pediu a titio: “Minha centelha de felicidade, Afrânio?”

Meu tio passou a responsabilidade para meu pai, que foi até o bar da casa, junto à cristaleira. Encheu um copo com um líquido transparente, cujo frasco estampava a imagem duns damascos e deu o copo a seu pai, que o degustou gole a gole como se aquilo fosse algo raro. Angélica estranhou a cena. “Sim, meu amor”, disse Alberto, “para ele, a felicidade é uma dose de *schnapps*. É um alemão otimista, bebe ao menos

três por dia”. “Na idade dele, uma felicidade já é muito”, complementou Afrânio. “A felicidade não é coisa perene?”, redarguiu alguém. O noivo saçaricou os olhos, “creio que é, mas é melhor não acreditar nisso. Pode fazer mal à saúde”.

Serviu-se então o almoço. Papai comeu pouco peru, estava sem fome, mas nós roemos até os ossos, especialmente meu irmão, de insaciável apetite. O peru estava ótimo. Depois do almoço, meu avô e meu tio Afrânio foram tirar a sesta. Meu irmão ficou a conversar com Alberto e meu pai na biblioteca. Angélica foi com mamãe aos canteiros de hortos e eu fiquei só, acompanhando todo os grupos, sem tomar parte de nenhum. Quando os homens debandaram, tentei conversar com meu irmão, sorrir-lhe, perguntar-lhe coisas. Ele dedicou-me um sorriso tolo, disse que sentira saudades de mim, passou a mão pelo meu cabelo num debochado cafuné. Abandonou-me e foi falar com Zuzu. Com aquele sorriso impaciente, com aquela mão pesada sobre minha cabeça, parecia cumprir a obrigação que a decência e a caridade lhe imperavam, pois sentia o desgosto terrível do saber-se também já ter tido minha idade. Percebi com aquele carinho que ele

havia se tornado um adulto e que já não tinha tempo para crianças como eu. Mas como podia? Ele não era um adulto, era meu irmão!

Para o café da tarde, servido quando os homens acordaram, havia rabanada e biscoitos beges cheios de açúcar, como se cobertos de neve. Não era um natal dos mais quentes, então não tínhamos muitas preocupações. Eu não me lembrava de ter comido rabanada até então e gostei muito delas. Serviu-se o café na sala também. Meu avô pediu por outra centelha, e a cada gole de felicidade ele se demonstrava mais exagerada e extravagantemente vivo. “Peço aos homens um biccheri de esperança, isto apenas”. Em verdade, meu avô tornara-se um trapo depois da morte de minha avó e, se não rezava para morrer, era porque achava um pecado por demais grave para ser cometido. O *schnapps* lhe mantinha bem, com todos os apesares da sorte. Quando se foi servir a ceia, aproveitei a oportunidade para sentar-me ao lado do meu irmão, que também a usara para se sentar junto a Zuzu. Havia mais peru ainda para a ceia, de modo que não nos instigava muitos interesses. Mas o peru me unia com meu irmão, e eu comia mais com os olhos do que com

a boca, deixando muitas sobras no prato. Quando ele as viu, repreendeu-me com um beliscão e com voz severa, como se nunca antes o tivesse feito. Comemos logo, para darmos os presentes. Lembro-me de ter ganhado um livro sobre os povos antigos do Oriente — Egípcios, Mesopotâmicos, Hebreus... Ganhei também um caleidoscópio e um boneco de super-herói. Dentre nós, quem mais ganhou presentes foi meu irmão.

À noite, já que era Natal, não me mandaram subir cedo e nem mamãe foi se deitar ou papai ler. Fiquei na escada explorando o mundo com meu novo artefato. Coisa incrível um caleidoscópio! Como faz bem a nossa visão! Quis olhar com ele as estrelas, quis aumentar seu brilho com pompa e o apontei em direção ao jardim, aonde dava também a longa varanda. Foi então que vi: meu irmão empurrando-se contra Zuzu na parede escura da varanda. Não entendi o que faziam, mas compreendi muito bem que Angélica não tinha gostado daquilo quando lhe deu um tapa no rosto. Deveria ser mais uma daquelas brincadeiras que, como o tiro, eu nunca seria velho o bastante para praticar, outra coisa que ele aprendera com papai. E se Angélica não

gostava, eu também não iria gostar. Ela saiu, para encontrar o noivo que se punha a partir, levando consigo um recém-acordado, mas nem por isso menos sonolento, avô. Talvez porque fosse Natal, ela não disse nada sobre aquela brincadeira. Vi-os partir, sentado na escada, e eles acenaram para mim quando saíram, com as mesmas feições de quando entraram. Meu irmão foi dormir também, logo depois. Dali a dois dias partiria de novo, e muito ainda tardaria para que ele esbarasse novamente noutra motivo irrefutável para vir nos ver — mas Angélica talvez lhe desse o estímulo necessário. Eu, porém, tinha então motivos o bastante para desejar que nunca mais fosse Natal, mesmo que houvesse presentes, mesmo que houvesse Angélica. Mamãe o acompanhou, e foi-lhe dar boa noite no quarto, como se fosse uma criança — e, pela primeira vez, não veio fazer o mesmo comigo.

Então desatou a chover sobre a casa. Papai e tio Afrânio foram beber café sentados diante da varanda, olhando as águas e entremeando os goles com algumas palavras. Falavam de futebol e de política, da falência da companhia aérea, coisa ou outra do meu primo poeta, o segundo fi-

lho do tio Afrânio que quase nunca aparecia — e não compreendia no Natal um motivo para isso —, de Dindi, filha bastarda e da Bossa Nova. Falavam daquelas provas factuais do mundo lá fora, com uma vaga impressão de sua veracidade, fazendo suas sombras cheirarem a café pingado e ignorância. Felizes esses dias, me parece, quando penso que eles eram felizes. Então, aquilo tudo era só uma exceção, sem considerações, de quando a família se encontrava e eles retomavam tenuemente sua antiga relação de camaradagem. É, pois, que ainda haveria muitos natais para mim e meu irmão. Que pena!

Luis Felipe Ferrari nasceu em Cascavel (PR) e vive em São Paulo (SP). Cursa Letras na Universidade de São Paulo (USP).

MARCELI MENGARDA

CLOACA

O homem imitava passarinhos. Imitar faz pouca justiça ao talento acumulado em anos de prática: ele reproduzia, de cabeça, o canto de 76 aves. Em tempos de menos diversões eletrônicas, era uma habilidade certamente mais apreciada — agora, no entanto, restou o franzir de sobrolho e a incredulidade comuns à juventude. Ele não se importava porque, afinal, dominava uma linguagem negligenciada desde os tempos mais mitológicos e, nessas conversas, sentia-se poeta. Ave é mesmo um ser que entende melhor esse simbolismo do ar e demais elementos. Batizou a maioria dos pássaros do Passeio Público e, ape-

sar de manter certa diplomacia, tem seus preferidos. Lá, passa as tardes ignorando o olhar dos estudantes adolescentes, não que eles olhem muito, de qualquer maneira, e dividindo a atenção entre as gaiolas. Tem umas com tela apenas ao redor e outras teladas também na parte de cima, porque não faz muita diferença se a ave tem a quilha preparada para voar ou não: aqui, não voa. Olha com gravidade para os flamingos, julgando-os fortunados por não levantarem voo — oh, a desventura de ter conhecido o mundo de um ângulo diferente para, depois, ter que enxergar tudo através de sucessivas linhas perpendiculares.

Mil novecentos e sessenta e três. Havia três semanas que ele treinava aquela quadrinha todo dia. A mãe, às vezes, repassava para ver se ele já tinha decorado, deus o livre que fosse esquecer lá bem na hora, na frente de todo mundo. No clube todo arrumado, toalha de renda branca na mesa, umas quinze crianças faziam um qui-qui-qui de pintinho novo, ansiosas por sua vez de declamar uns versinhos na apresentação do dia dos pais. O homem, aqui menino, olhava apreensivo para os lados e assobiava sem

fazer barulho, soprando ar e mexendo as pernas, mão no joelho, olhar encontrando de vez em quando o da professora. As crianças davam passos hesitantes até o meio do tablado e declamavam seus versinhos quanto mais rápido conseguissem falar, e às vezes mais rápido, sem dar tempo para uma palavra terminar antes de começar outra. O último verso era dito já num ímpeto de movimento, voltando rápido para o lugar junto aos outros alunos. Alguns chegavam ao centro e faziam menção de voltar sem ter falado nada, sendo rebatidos pelas mãos da “profe” quantas vezes fossem necessárias, mas ele não teve problemas quando chegou sua vez. Caminhou olhando para o chão, manteve a cabeça baixa e declamou com métrica e compasso: “Passarinho, passarinho. Não me venha incomodar. Estou lavando meu lencinho. Para a festa do altar”.

O destino do homem, quando muito, estava previsto numa constelação de cocô de pombo na pista de corrida sob as árvores. Em dias melhores, seria coroado príncipe daquele lugar. Mas sua resistência sempre foi inútil no meio dos pipoqueiros e policiais militares, e as

quadrinhas já não fazem mais muito sentido. Restam os pássaros e o assobio para quem quer honrar as palavras e os sentimentos mais elevados. O homem já tinha amigos em cada uma das gaiolas do Parque das Aves. Vinha chegando e, jura, conseguia perceber o alvoroço logo que era visto. Não tinha como não ser especial por ali. Debruçava-se sobre o guarda-corpo, corria os dedos sobre a tela com volúpia e vagar, projetava o corpo à frente e fechava os olhos como quem quisesse um beijo. Os lábios proeminentes eram umedecidos pela língua e começava o diálogo: “FI-FIU, Como está, ó, sabiá?”. “...FIU?” A pequena ave se fazia de desentendida, mas logo chegava mais perto e, torcendo a cabeça para ver com um olho de cada vez, examinava cuidadosamente aquele senhor que chegava o rosto perto da tela. “FI-FUIUI, a bruma do inverno me manteve longe dos amigos plumados. Mas uma brisa quente anuncia a primavera, e venho a falar-lhes.” O passarinho olhava curioso. Já tinha se acostumado aos sons feitos do outro lado da gaiola. Além do homem que conversava com os pássaros, eram muitas as pessoas que chegavam perto da tela a examinar cuidadosa-

mente seu interior. Crianças a olhar mais para os balões, jovens a olhar mais para os celulares, casais a olhar mais para os saquinhos de pipoca. Quando ele chegava, calçando chinelos de couro, as aves agitavam-se em voos rasantes de um galho a outro, o ímpeto de lançar-se aos céus e um abrir de asas imponente que duravam um ou dois segundos, porque já estavam onde deveriam e não havia mais para onde ir, mas não conheciam um modo mais tímido de anunciar o movimento. Os pássaros pareciam agitar-se para todas as pessoas que se aproximavam, e provavelmente também quando não havia pessoa alguma, porque estavam confinados em gaiolas.

Mil novecentos e setenta e quatro. O homem, aqui rapaz, examinava-se no espelho, um olho de cada vez, a conferir e pentear as costeletas. Enquanto se aprumava, confessava ao canário-belga na gaiola junto à janela que, num canto escondido do caderno, esteve pensando até numas opções de nomes para os filhos. Falta agora ser apresentado ao homem de quem seu primo tinha falado. Era negócio quente, dizia. Com o carro, teria mais jeito de chegar para conversar com o futuro sogro. Por enquanto, só

passava junto à sua janela e assobiava, todo dia um pássaro diferente. Assobiando, dizia as coisas mais bonitas sobre os olhos e as ancas dela e prometia que teriam um ninho só deles muito em breve. Ela mal sabia quem era aquele rapaz, de bico proeminente e costelas projetadas à frente do magro peito estufado, e já tinha se tornado musa involuntária. Não há nada como o frescor da idade, a quentura de um amor e o negócio de um Opala prestes a ser fechado para soprar ventania no pensamento jovem. Foi a época mais produtiva da poesia do homem.

No Passeio, o homem continuava trepado na grade a conversar com as aves. Às vezes, uma arara curiosa agarrava as unhas e punha a barriga pressionada contra os arames, plumagem que enroscava e deixava a tela parecendo um céu estrelado, o bico ajudando a segurar-se no arame, três ou quatro segundos de atenção e um curto rasante de volta ao fundo da gaiola. Não fazia diferença. Era muito claro, para ele, que estava sendo ouvido e compreendido, e era por isso que ia até lá todos os dias, exceto na segunda-feira quando os portões estavam fechados e ele andava lentamente junto à cerca, evitando

os pombos, a procurar pássaros por longe e tentar chamá-los. ‘Vês as cores sobre a grama? As galantes borboletas? Lá se chegam, bem coquetes, suas flores por beijar, tempo de vermelho e branco, uma época de amar...’ Satisfeito com seus versos, levanta-se do guarda-corpo e dá uns passos para trás a fim de enquadrar melhor os amigos nas gaiolas. Quer registrar uma imagem bonita, quer pensar em palavras para ela e traduzi-las em assobios para contar às aves. Um esbarrão seco o interrompe, no entanto: algum corredor, que vinha desavisado olhando para baixo ou para o lado ou para o celular, dá um encontrão e o derruba.

Um pequeno assum preto desce de uma árvore próxima, pousa no guarda-corpo próximo às gaiolas e, num clique, o homem ouve um assobio mais compreensível do que aqueles aos quais estava habituado. ‘Cloaca. Clooo-aaaa-ca’. O homem percebe que, agora, conseguia distinguir claramente o que as aves falavam umas às outras. ‘Eeei, você cagou em cima do alpiste de novo!’ Chacoalha um pouco a cabeça, cutuca o ouvido com o dedo mindinho e aproxima-se da gaiola novamente: ‘FUÍ, Vem ver, Agenor,

voltou o véio da poesia!'. Incrédulo, faz menção de assobiar para pedir algum esclarecimento, mas só consegue produzir um sopro fraco. O homem, aqui velho, normalmente não teria dificuldade para levantar-se. Mas sentiu bater a cabeça no asfalto e está um pouco atordoado. Caminha cambaleando em meio a muitas vozes. Logo ali, os outros velhos a jogar xadrez e rir-se, como homens que desprezam homens após sua queda. As crianças que esquecem do balanço por alguns segundos e olham, curiosas, tentando entender por que os homens caem. Os jovens, que não levantam o olhar de si mesmos. Os pássaros, berrando em uníssono, um coro a anunciar a tragédia e sua moral. Cresce nele uma vergonha como uma raiz de árvore que quebra silenciosamente a calçada e causa tropeços. O homem faz as contas de todas as vezes em que assobiou e imaginou ter-se feito compreender. Levanta, ajeita melhor o boné para afundá-lo na cabeça e cobrir o rosto e anda devagar, procurando algum portão, caminhando tímido junto ao meio fio. Não quer mais ser visto. Não quer mais conversar. Ruma titubeando para a ilha da Ilusão, onde se encolhe atrás de uma árvore,

tapa os ouvidos, pensa em versos decassílabos e, eventualmente, atira galhos em alguma ave que se aproxima incauta.

Marceli Mengarda nasceu em Itaiópolis (SC) e vive em Curitiba. Formou-se em Letras Português/Inglês na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). É responsável pela revisão e design gráfico do jornal *RelevO*. Também é proprietária da marca Escrevinhador, que trabalha com encadernação artesanal.

MARCO AURÉLIO DE SOUZA

SCRAP BUK

Quem sou eu? Apenas uma garota que cresceu e não deixou de sonhar. Aquela com a alegria de uma criança e a malícia de mulher. Mas não se engane: a garotinha pode fazer da tua vida um verdadeiro inferno! A vida é dura na quebrada, meu amor. O bagulho é louco, mais do que você pensa ou consegue imaginar. E se eu não tenho nada, sou professora em fazer a cabeça do bicho homem. Duvida? Pergunta pro Mateus, pro Dedé, pro Tonhão. A malucada viciada no meu corpo como se eu fosse pó ou pedra, bem mais até. Sou a rainha das fissuras.

Inveja de mim? Entra na fila. Fica atrás

da Fabíola, jararaca que vive botando olho gordo pra cima dos meus esquemas. Tudo culpa da inveja. Vadia dos infernos. Ninguém inveja o feio — o ódio dela é que faz o meu sucesso. Legal eu sou, mas não abusa. Já desço do salto se você me azucrinar demais. Me odeia por ser linda? Me odeia por pegar geral? Sou sagitário, neném, então não se mete com quem tá quieto, ok?! Enquanto você trabalha pro meu azar, vou construindo meu sucesso.

Na balada, eu fico só de olho, e as invejosas atravancando a minha curtição. Metendo o nariz nos meus casos, biscateando com todos que fiquei. Assim com o Germano do mercado, assim com o Kleberson, dançarino da boate, assim também com o Polaco e assim sucede toda vez. Elas me invejando e eu pegando geral, fazendo fama pra deixar as vagabas ainda mais loucas. Você querendo roubar os homens — mas e o pneu pulando pra fora da blusinha de brechó? Eu sou mais eu, minha querida. Não baixo no nível da vagaba. Elas que corram pra formar a clientela. Puta da cara só fiquei pelo João.

Na danceteria, a primeira vez. Baile funk do gaúcho. Motel, que nada! Me levou pras rua-

zinhas no arredor da catedral. Levantou a minha saia. Passou celular, me add no MSN. Falamos na net final de semana, encontramos na praça quando chegou a domingueira. Já foi da Fabíola também. Mas a pira passou e, quando ele me catou, você ficou só de olho, né não, lambisgoia? Aposto que já foi fazer minha caveira. Falou e difamou, chamou de puta, mas puta mesmo é quem me chama. Os caras ainda me secavam no terminal. E ela? Encalhada outra vez...

Sua inveja só me fortalece. Peguei o Danilo no busão naquela noite. Ele me levou pro barraco da mãe dele, três dias morrendo de tanto me catar. Forte o jeito do Danilo me pegar. Amo quem me ama, quem me odeia que se foda. O Jorginho, filho da puta, comeu e saiu falando merda. Azar o dele, escorregou a fila anda. Vai lá procurar tuas negas. A Jaqueline que foi dar por profissão. Só ele não vê. Trabalhou pra Baronesa. Às vezes, vejo quase pelada, beirando homens no Danúbio Azul — nem digo nada. Danilo é burro por querer. Desejo por puta é atraso de vida. Mas o João não, tinha carinho por mim, me pagava doce e chocolate, e ela melou o meu esquema. Cadela de uma figa.

Eu tava com o João ainda, o Danilo me aparece. O Danilo era só curtição, do João é que eu tava a fim. A gente trocou umas ideias, ele me chamou de linda, disse que queria coisa séria, tava no jeito de namorar. Ela se enfiando pelo meio. Não se toca, a vagabunda. O João mandando até depoimento no Orkut “ti amu gostosinha, eternamentí nois dois juntinhos”, S2, bju molhado, coisa e tal. Mostrou foto pra todo mundo, disse que me queria pra galera que vigiava os esquemas da internet. E eu agora sou novela pra geral me acompanhar?

Ela me vigiava e eu vigiava ele. Pensa que não vi os recadinhos que ela mandou? Os dois de bafafá no Scrapbook. Depois até me bloqueou no perfil dela. Homem é tongo por natureza. E mulher tem que fingir que é bocó. Deletei do celular a palermada da vila. O João é outro burro, fechou os recados pra mim. A Fabiola é quem foi falar do Danilo. Não larga de mim, a invejosa. Te incomodo? Que pena. A minha imagem é você quem faz, mas a minha vida sou eu que vivo!

Agora até no bate-papo o João me excluiu. Tentei pedir desculpa, me mandou tomar

no rabo. Me chamou de vileira, o pau no cu. Quem vê pensa que é rico: virado no motoboy. Não quer, tem quem queira. Pisei na bola, mas não sou mulher de ficar pedindo arrego. Que ele também andou com outras, já sei. Falar de mim o quê, então? Ele que vá cheirar com as biscates que comeu. O tipo achou o pau no lixo. Outro dia, aliás, vi o tongo com a malacada toda em frente ao Big Nights, os mano firmeza tocando forte o terror. O corno manso se esfregando na branquela aguada, cheia de manchas e perebas pela cara. Trocou por isso, o coitado? Mulher feia de dar dó, empelotada. Deve ser aidética. No mínimo, drogada. Magra daquele jeito, só pode fumar pedra, a desgraçada.

A fila anda. Não fico parada. O Pablo saiu da cadeia. Dizem mal dele, mas o piação leva jeito com mulher. Fazer o que se bandido me pega melhor? Diz que largou das coisa errada, tá pensando em se casar. Se marcar, casa comigo. Se der bobeira, caso eu e deixo o tal a ver navios. Agora ele fica preso ne mim. Ele que faça acontecer que eu faço valer a pena. Não fico chorando por homem nenhum. Tudo a mesma coisa. Não quer, tem quem queira. A Fa-

bíola que faça bom proveito. Anda em cima do João que nem desesperada, só falta botar a xoxota na cara dele. Bucho veio. Comigo a fila anda. Ainda faço um estrago naqueles beijo gordo.

Gostou? Pega senha. Pegou senha? Final da fila. Final da fila? Espera tua vez. Chegou tua vez? Pega de jeito. Pegou de jeito? Dá valor. Não deu valor? Abriu pra concorrência. Não me quer? Tem quem queira. Quer de novo? Desculpa, mas figurinha repetida não completa álbum. Me odeia? Tente me superar.

Então comigo é assim: alguns acham que tenho vida loka, mas sou mesmo é sossegada. Vivo apenas o meu presente, ignoro o futuro do passado. Faço a cabeça do bicho homem feito fosse pedra ou pó. Duvida? Sou a rainha das fissuras, bem mais até. Se não me quis, ainda vai querer também me namorar. Sou capaz de transformar seu sonho em realidade! Tire suas próprias conclusões, me julgue pelos meus erros, me odeie pelas minhas vitórias, me ame por quem eu sou, mas me conheça antes de acreditar no que as invejosas falam de mim. Não sou melhor nem pior — apenas uma garotinha que cresceu e se tornou uma mulher úni-

ca, especial, batalhadora e, com certeza, bem diferente de você.

Marco Aurélio de Souza nasceu em Rio Negro (PR). É autor dos romances *O intruso* (2013) e *Conexões perigosas* (2014). Graduado em História e mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professor da rede pública de ensino em Ponta Grossa (PR), onde vive desde 2008.

MATEUS RIBEIRETE

A INCRÍVEL
E TRISTE
HISTÓRIA DE
LEOPOLDO
PANTOG, O
GAROTO QUE
URINAVA HAICAIS

Fogo no rabo, olho maior que a barriga, ventos nos pés: nenhum desses traços descrevia o menino Leopoldo Pantog, que simplesmente nasceu poeta. Para comprová-lo, no entanto, nada precisou dizer. Tampouco houve qualquer necessidade de escrever poesia, recitar poemas ou esbravejar no sarau do centro acadêmico. Tudo que Leopoldo fez foi urinar.

Os primeiros sinais do resplendor vieram ainda nas fraldas, quando seus pais repararam em como a micção do pequeno Léo se dividia em 17 gotas poéticas, espalhadas ao redor da celulose imunda. Conforme a criança adquiria letramentos, a estrutura da urina ganhava força: aos cinco anos, Pantog expeliu seu primeiro haicai por conta própria, para surpresa dos genitores, que não tinham ideia de como lidar com a situação. Sem reprimi-lo, a família investiu no talento raro do menino, que muitas vezes deixava de jogar futebol com os amigos para ingerir muito líquido, à procura da própria habilidade.

Foi uma fase de descobertas. Filho de Basílio, arquiteto, e Adélia, arquiteta um pouco melhor, Leopoldinho adorava praia. Como qualquer criança, longos eram os anseios por

se divertir na areia até o pôr do sol. Ainda na pré-adolescência, em um dos tantos verões passados no litoral, Leopoldo Pantog fez aquilo de que crianças se orgulham e adultos se recriminam — ele urinou no mar. O garoto, que se via incerto sobre sua condição, não aguentara os sete picolés de groselha ingeridos nos quarenta minutos anteriores ao entretenimento aquático. Mal sabia ele que sua vida mudaria para sempre, pois o resultado de seu alívio foi o livro *O sol despertou*, vencedor do Prêmio Jabuti de 2019. “Um divisor de águas”, Basílio e Adélia costumavam descrever em uníssono.

A partir daí, ele não cultivou mais dúvidas acerca do próprio potencial. Irritado com a expectativa criada ao redor de seu futuro na poesia, pode-se dizer que sua adolescência foi conturbada. Tudo que o pequeno gênio queria era jogar videogame em seu quarto — os literatos, no entanto, exigiam muito mais. Leopoldo precisou demonstrar suas habilidades em frente a um grupo de cientistas — e outro de poetas esotéricos — até que a questão fosse cravada de uma vez por todas. Dessa fase surgiu o compilado *Sai* (2020), em cuja capa se via uma criança

trajando um urinol na própria cabeça. Pode-se destacar o haikai “o canto do pássaro / tantas aves a esmo / foda-se mesmo”. A erupção de um pré-adolescente rebelde se manifestava de maneira cristalina.

Mais urbano do que nunca, Pantog pouco a pouco aceitava a arte como seu destino inalterável. Já com confiança, inaugurou a “poesia de Bosch”, por meio da qual passou a atacar contemporâneos, inspirando-se em quadros do gótico flamengo. Seu objetivo ficou transparente como água em “seus haicais, tão lindos / sobre eles converso / dormi no segundo verso”. No retorno à natureza de “em volta do rio / tropeçando nas pedras / seu haikai é uma merda”, inferia-se que Pantog não conservava qualquer objetivo de ficar parado.

Os hormônios da sexualidade apenas regaram um terreno já fértil: o prolífico adolescente não tardou a lançar a *Trilogia da Perversão* (2021–2023), como se tornaria conhecida, elevando o horizonte do haikai nacional a níveis nunca antes presenciados. Sua poesia erótica, sem perder a usual indiferença, foi bem representada no haikai “essa gota que cai / na ponta do tênis / vejo ele,

meu pênis”. Tamanha sensibilidade não poderia ter sido ensinada.

Aos 19 anos, Pantog já evitava utilizar privadas, buscando sempre o bucolismo de se aliviar em árvores. “É natural, belo, moral; meu corpo precisa desse diálogo com a Terra”, afirmou descalço à *Folha de S.Paulo*, em 2024. A essa altura, quem desconfiava já havia se rendido, e um de seus haicais foi adaptado para o cinema pela primeira vez. Ao invés de negociar os direitos, Leopoldo os cedeu à produtora, exigindo apenas que toda sala de cinema que exibisse *Cisto Renal* (2025) proibisse a audiência de ir ao banheiro durante o longa-metragem de 400 minutos. “Era minha chance de me conectar com um público maior”, proclamou, trajando um colar com filtro dos sonhos, já ciente do êxito da proposta. O sucesso absoluto de bilheteria lhe garantiu uma vaga no tão inacessível rol da glória crítica e popular: de um lado, pipocavam convites para participar do Domingão do Tiago Leifert; do outro, propostas para lançar ensaios críticos na editora Cosac Naify-Kéfera.

Qual toda estrela, contudo, Leopoldo sentiu os excessos da fama. A condição de figura

pública o desgastou psicologicamente após meses sob a pressão de assíduo comentador cultural. Todos queriam nadar na popularidade de Pantog, o que ficou claro com a produção de um *reality show* intitulado *Eu Também Mijo Arte* (2026), da Rede Record, no qual centenas de participantes competiam para demonstrar quem dominava mais talentos com urina. Evitando saturação, Leopoldo Pantog dava as caras apenas nas edições finais, todas recordistas de audiência entre as quatro temporadas de um programa mais massificado que o próprio nitrogênio. *Eu Também Mijo Arte* só acabou quando o próprio Pantog decidiu urinar toda a obra de Matsuo Bashô em ideogramas. O momento, reproduzido mundo afora, é tido como um dos mais marcantes da televisão brasileira.

Se na vida pública Leopoldo era só sorrisos, o fato não se repetia em seu universo pessoal: conta-se que uma crise de estresse fez com que ele urinasse enquanto dormia, molhando os lençóis com um livreto de poesia marginal. Irônico, Pantog desmentiu as acusações e, com a sagacidade de um tio ébrio, afirmou que passaria a assinar seus poemas como “Mijaru Nakama”. Ainda que

duvidoso, o episódio claramente marcou o início de uma fase negativa para o poeta: as maledicências que o cercavam se expandiram feito bexiga hidratada quando Leopoldo Pantog deu as caras em um comercial de chá cujo slogan “de saco cheio da mesmice” desagradou uniformemente. Acompanhado por câmeras toda vez que ia ao banheiro, ele surtou no saguão do Copacabana Palace em 2027. No ano seguinte, um período de incontinência urinária expeliu a fase menos poderosa do autor. Diluída, sua poesia “escorreu sem ímpeto / faltava amor / quem sabe aflito”. A crítica voltou a desconfiar, prontamente relacionando seu status popularesco com a queda de rendimento do trabalho. Por fim, o divórcio turbulento com a atriz Sofia Monique, em 2030, foi a gota d’água para levá-lo à reclusão total — o extrovertido porém enigmático Leopoldo se tornou absolutamente avesso a publicações, entrevistas e orgias de deputados federais. Como urina direcionada ao interior de cerâmica do vaso, e não na água, dele não mais se ouvia. O panorama de reclusão escorreu por três anos.

Todavia, como de praxe na literatura, do sofrimento veio o belo. Após tanto tempo no

mais absoluto silêncio, Leopoldo Pantog lançou *Gotas frias* (2033) sem alarde, de longe a obra mais aclamada, densa e reinterpretada do autor. Nela, o típico universo caloroso e veloz do poeta dá lugar a estrofes melancólicas que beiram o grotesco. Novamente, Leopoldo esticou os limites do gênero, faturando prêmios que sequer existiam — prêmios que, por sua vez, também ganharam prêmios. A crítica, sempre atrasada em relação a Pantog, precisou de meses para se dar conta de que *Gotas frias* foi inteiramente escrito durante uma crise de pedra no rim, traço logo relacionado à metalinguagem da obra: “Usurpado / O útero pare / A uretra para”. O título é considerado leitura obrigatória no ensino médio nacional até os dias atuais.

Visando à recuperação completa, Leopoldo deixou qualquer possibilidade de zona de conforto para escrever um livro inteiro dentro de banheiros químicos. *Aonde vai a descarga?* (2035) ratificou seu lugar na literatura brasileira: qual urina após acordar, a poesia de Leopoldo Pantog permanecia essencial. Álcool e caféina, por outro lado, foram definitivamente cortados de sua vida. O que ele não esperava cortar era a felicidade.

Àquela altura, o artista da urina resistia. Por que parar justamente agora, depois de tamanho sucesso? Ele poderia aguentar ainda muito tempo, um tempo ilimitado; por que suspender agora, quando estava no melhor, isto é, ainda não estava no melhor da micção? Somente os grandes gênios podem despejar o próprio talento em uma rota de colisão. Pois Pantog, que a cada dia enxergava sua obra com maior desprezo, optou pelo caminho mais corajoso. Em uma manhã de fevereiro, Leopoldo cometeu haraquiri artístico, anunciando sua aposentadoria da poesia, ou ao menos da poesia urinada. “Não tem graça para mim. Eu não tenho méritos. A partir de hoje, toda a minha obra será escrita com as mãos, como a de qualquer outra pessoa”, declarou em pronunciamento oficial. Para evitar qualquer risco de uso do próprio dom, o artista fez o máximo para remover a urina de sua vida. Para tanto, contratou uma equipe de médicos que mensalmente fardava sua uretra com um cateter infectado, injetando a bactéria *Staphylococcus saprophyticus* de forma a contaminá-lo com cistite. Dessa forma, o poeta nunca apelaria para seus dotes. Outra contaminação, essa muito menos

controlada, foi a da expectativa: qualquer brasileiro letrado aguardava ansiosamente por novos lançamentos, discutindo dia e noite sobre os possíveis efeitos da grande alteração em seu processo criativo. Alguns sequer acreditavam. “É tudo balela; aposto que ele até voltou a tomar café”, disparou o crítico Antonio Candido em seu aniversário de 119 anos.

Em setembro de 2037, regurgitou-se o primeiro compilado do novo Pantog, intitulado *Eu rio, eles rins*, que surpreendeu o mundo com a catastrófica falta de qualidade. Os versos, inicialmente tidos como ironia — tamanha a negligência estética — logo foram expostos como o excremento que de fato eram. Com passe livre no universo artístico desde a infância, a verdade é que Leopoldo nunca se deu ao trabalho de desenvolver a escrita, tampouco qualquer repertório notável de referências. A sequência, *Pipi* (2038), confirmou a maior derrocada brasileira desde que Euclides da Cunha foi morto pelo amante da própria esposa. Em questão de semanas, o poeta perdeu o contrato milionário com a editora e o patrocínio de suplemento vitamínico que o acompanhava desde seu segundo livro.

Desolado, chorou até se desidratar. Desidratado, sofreu de insuficiência renal grave.

Leopoldo Pantog, nosso maior poeta em décadas, morreu em 30 de novembro de 2039, data tristemente conhecida como o dia em que o Brasil mijou. Pantog deixou uma dúzia de livros de poesia que inspiraram artistas, arquitetos e cozinheiros. Poeta máximo, em sua produção não consta uma gota em prosa, tampouco desventuras que não pudesse sustentar com o peso da própria uretra. Também não proporcionou herdeiros — biológicos, isto é, pois os discípulos na arte não caberiam na Amazônia.

Tempus fugit: como urina na chuva, a vida sucumbiu. Sua inesquecível obra, pelo contrário, segue inexorável. Assim sendo, apenas um fulgurante haikai da *Trilogia da perversão* pode encerrar estas memórias: “papeira ou caxumba / infla o pescoço / mas não a bunda”. Viva Pantog.

Mateus Ribeyre nasceu em Curitiba, onde vive. Formou-se em Letras e concluiu mestrado na área de Linguagem e Tecnologia, ambos na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). É editor-assistente do jornal *RelevO* e leciona redação na Escola de Escrita.

MURILO LOPES

SCOTT

Scott tem um encontro marcado para esta noite. Sua namorada enviou uma série de mensagens de texto dizendo que era necessário vê-lo. A relação está conturbada. Ela pensa que ele não se comunica o suficiente e passa dias sem dar sinal de vida. Ela não está brava, mas precisa conversar. Eu sei disso porque agora eu sou Scott. Não de verdade, pois esta não é minha identidade. Mas agora eu sou ele. A vibração em meu bolso indica que o celular que é de Scott interceptou ondas e as decodificou em formato de uma nova mensagem. Não sei por que eu sou ele ou por que visto suas roupas ou tenho seus objetos. Não

sei por que tenho o seu rosto. Suas memórias. Mas sei tudo o que Scott é enquanto atuo em seu lugar, no cuidado de ser um espectador.

A questão em minha mente, agora alojada na cabeça de Scott, é o que direi no lugar dele. Não sei onde ele está e nem mesmo se ele agora está em lugar da minha pessoa. Talvez nem tudo seja recíproco. A falta de empatia de Scott para com sua namorada pode estar se estendendo a mim. Talvez ele tenha me posto em seu lugar e não ocupado o lugar que deveria ser meu. Que será de mim enquanto estiver andando em pernas que não as minhas? Como explicar aos outros que não sou ele? Como explicar que a aparência é a correta, mas o interior está em disparidade? Teríamos trocado de lugar? O que foi feito de mim?

Chequei os pertences de Scott em busca de informações. Não encontrei nada de que já não tivesse conhecimento. Em sua carteira estão os documentos que, estranhamente, pareceram-me familiares, doze dólares e um cartão de crédito. Em sua mochila, que estou carregando em suas costas, existe um livro de Don DeLillo, uma blusa fina de lã, três preservativos, papéis

amassados — provavelmente panfletos e anotações das quais eu lembro vagamente —, um clipe de papel, as chaves de sua casa, um par de fones de ouvido conectados a um iPod, um Playstation portátil sem bateria e uma barra de Snickers. Estou com um pouco de fome, mas tenho reservas quanto a comer o que não é meu, muito embora eu agora seja Scott e, portanto, tecnicamente estaria alimentando a ele com esse Snickers e não a mim.

Pois não sei onde estou e nem se tenho fome ou sede.

Estou em uma área isolada da cidade, próximo a um shopping center. Há alguns momentos, decidi que não faria sentido ir para minha casa, então estou caminhando rumo ao apartamento que Scott divide com sua família. Scott vive com a mãe, dois irmãos e um primo distante que está estudando na cidade. Estou a uma distância considerável do apartamento de Scott e sei que a casa da namorada dele fica a, pelo menos, trinta e cinco minutos de seu apartamento, em uma caminhada moderada. O dinheiro na carteira de Scott poderia me levar de táxi para a casa dele, mas, como não me sin-

to confortável gastando um dinheiro que não é meu, decidi caminhar. Busco não me aprofundar em questões sobre usar o que é de Scott e não meu. Deixo isso restrito ao que é material e de sentimentos. Espero não ser julgado por colocar o corpo dele em funcionamento para me levar à sua casa.

Em vias igualmente misteriosas para mim, conheço os caminhos a serem tomados e aqueles a serem evitados. Sou eu ao mesmo tempo em que sou Scott. As ruas estão desertas e suas calçadas tomadas por folhas úmidas de árvores. A arborização é familiar, mas ainda causa uma impressão forte de algo novo. Existe beleza ao redor do que é Scott e eu sei, por meio de suas memórias, que nem sempre ele é capaz de apreciá-la. O clima chuvoso e frio, que derruba as folhas das árvores e as amontoa, úmidas e deformadas, é uma constante que torna Scott um tanto letárgico e indiferente. Não é por intenção e eu sei. Com o coração de Scott, eu sinto muito por ele. Ele faz o que está ao seu alcance e se aborrece, como tantos outros também devem se aborrecer. Ele nunca teve intenção de deixá-la sozinha e sofrendo. O encontro estava marcado

há dias e ele iria comparecer. Eu não sei para onde Scott foi, mas sinto pena pelo fato de ele não estar aqui, onde é seu lugar. O céu está cinza e o ar parado. Caminho mecanicamente e sei que ainda estou muito longe. Tiro o celular do bolso da calça de Scott e pressiono o botão circular que faz com que a tela se acenda. São pouco mais de quatro da tarde e imagino que irei caminhar pelo menos mais duas horas até o centro da cidade. O encontro com ela foi marcado para as oito da noite, na casa onde vive com o pai. Não sei o que irei dizer. Assim como Scott, imagino e temo o que ela irá dizer, mas, separadamente de Scott, penso que ela tem razão no que dirá. Os olhos pelos quais enxergo neste momento estão pesados pelas lágrimas que se formam graças ao frio, à pena que sinto e à melancolia que não consigo evitar.

Lembro-me bem de como Scott a conheceu. A menina de cabelos amarelos e olhar baixo. Eles gostavam de conversar sobre coisas diversas e ele apreciava a maneira como ela se vestia. Eu teria gostado, também, das blusas pretas, os jeans desgastados e o par de All Star nos pés. Uma criatura como qualquer outra na cida-

de, que sorria com alguma dificuldade e se retraía quase imperceptivelmente quando alguém tentava tocá-la. Sua testa nunca se franzia e seus lábios quase estáticos concordavam com os olhos azuis claros, como se feitos de gelo. No começo, eles se encontravam meramente para conversar. Scott conhecia grande variedade de coisas e compartilhava com ela alguns de seus gostos. Em um aniversário dela, Scott lhe deu um livro grande, com fotografias de diferentes paisagens. Ela agradeceu com um abraço que durou pouco mais que um segundo, mas que significou tanto que não consigo aferir valor exato.

O telefone celular vibra mais uma vez, porém, agora, é uma chamada. Observo o visor que acusa a ligação dela. Minha apreensão de conversar com ela se confunde com o movimento instintivo de atender no mesmo instante. Ela pergunta onde estou — onde Scott está — e, no lugar de seu namorado, respondo que estou a caminho de casa. Ouço sua respiração leve pelo fone, suas palavras pausadas, comedidas e o medo mútuo que paira. Não consigo discernir se é meu coração que está dentro do coração de Scott ou se é o contrário. O peso no peito, en-

tretanto, é de dois corações e disso tenho certeza. Ela pergunta se posso ir diretamente à casa dela e respondo, de forma automática, que sim. Ela explica que há coisas que devemos conversar, caminhos a planejar e ideias a ponderar e admite estar ansiosa em um sentido pouco positivo. Eu entendo, por consequência da experiência de Scott, que ela está triste. O peso aumenta. Agora, além de estar em um lugar que não é meu, sem saber onde estou realmente, preciso lidar com o fato de que pessoas com as quais jamais estive precisam da minha atenção para espantar a tristeza. Há mais de Scott em mim do que tenho coragem de admitir. Desligo o telefone e tomo a decisão de que é necessário ir para casa antes de encontrá-la. A parte de mim que sou eu é movida pela necessidade de satisfazer, mas Scott age em maneiras distintas. Existem providências que podem não ser prioridades, mas que se fazem presentes pela necessidade de se aplacar urgências que nem mesmo ele compreende ao todo. Ela teria que esperar um pouco mais.

A área central da cidade é tomada por prédios baixos e ruas repletas por transeuntes incógnitos. Sinto as pernas fatigadas pela longa

caminhada e a parte que é Scott deseja o conforto de sofás e a anestesia de programas de TV. A fome que senti há horas aumentou e acabo cedendo à tentação de comer o Snickers. O sabor de amendoim é o mesmo na língua de uma pessoa que não sou eu. Andando pelas calçadas do centro da cidade, evito pisar em poças d'água e observo vitrines com olhos vazios. Dou-me conta de que sei que estou no lugar de Scott meramente por sabedoria do sentir. Sinto crescer a necessidade visual e procuro algo em que me refletir. Posiciono o corpo de Scott em frente a uma vitrine e o vejo, seus olhos fixos nos meus. Seus cabelos vermelhos, os olhos grandes e espantados. A jaqueta verde lhe cai bem, emprestando a noção de que tem ombros largos e pescoço alto. Suas orelhas são pequenas e o lóbulo esquerdo fora perfurado e ostentara um brinco circular até meses atrás. Seu nariz possui traços do que foram proeminentes sardas em sua infância. Embaixo do queixo existe uma cicatriz pequena, resultado de uma brincadeira infeliz. A mistura de sensações me confunde e sinto urgência opressora de dizer a alguém que não sou aquele no reflexo.

Minha verdadeira identidade é clara em

minha memória, mas a realidade imediata é tão mais importante e interessante que começo a temer estar deixando para trás quem eu era antes de me tornar Scott.

Destranco a porta do apartamento e entro sem grandes cerimônias. A mãe não está em casa, assim como um dos irmãos. O outro irmão está com o primo na sala, rindo de um filme. Cumprimento-os e me dirijo ao quarto que Scott divide com os irmãos. Deixo a mochila ao lado da cama e apanho o celular do bolso, para então me jogar de costas sobre o colchão macio. Estendo instintivamente o braço em direção à parede e tato o lado do colchão até localizar um cabo que conecto ao telefone. Enquanto observo a animação que indica que a bateria interna do aparelho está sendo abastecida, penso que não será possível postergar o encontro por muito tempo. São quase sete horas da noite. Irei me atrasar e a culpa se mistura com um desdém que não é meu. Ouço a porta de entrada se abrir e me levanto, deixando o celular sobre o travesseiro, ainda se alimentando da eletricidade que corre pelo cabo. Na sala, a mãe descarrega sacolas sobre uma poltrona e pede minha ajuda para

organizar o conteúdo delas. Concordo com um murmúrio, mas passo direto pela poltrona e vou até a cozinha, onde abro a geladeira e retiro uma garrafa de leite. Sirvo-me de um copo e percebo que foi muito mais fácil do que pensei que seria. Após terminar o conteúdo do copo, volto à sala e forneço o auxílio que a mãe havia solicitado.

O filme ao qual o irmão e o primo assistiam acabou e eles estão conversando. Sentome na poltrona e os ouço por alguns momentos. O primo, por fim, fita-me com ar engraçado e atesta: “VOCÊ NÃO É SCOTT”. Balanço a cabeça para os lados, confirmando a afirmativa dele com uma negativa. Não, não sou Scott. Os demais parecem confusos, mas o primo tem um olhar de curiosidade e argúcia. Ele pergunta quem sou e lhe dou meu nome verdadeiro. Explico que não sei como estou no lugar de Scott e que isso não é por intenção. Ele franze o cenho em dúvida, como quem se depara com algo além de sua compreensão. Conto que estava próximo ao shopping quando me dei conta de quem era. Ele pergunta sobre o Playstation portátil e eu digo que está na mochila. A mãe se aproxima e diz que não conseguiria me chamar por meu

nome verdadeiro e eu reconheço o direito dela de se dirigir a mim pelo nome de Scott. Aquiesço por um instante e percebo a importância de se endereçar corretamente às pessoas e às coisas. Não estou no lugar de Scott por intenção, mas não posso negar os direitos dos outros sobre a existência de Scott e de tudo o que foi tocado por ele. O primo questiona onde está Scott e eu digo que não sei. Não consigo conter as lágrimas, porque embora não seja por intenção, estou privando a presença de Scott de maneira irremediável. Não sei onde ele está, e existe alguém que deverei encontrar e a quem não terei coragem de admitir que não sou Scott. O primo se compadecer e toca meu ombro tentando me confortar. Divaga por alguns momentos, imaginando que Scott está no lugar onde eu deveria estar. Onde é este lugar? Falo sobre a cidade onde vivo; nem eu nem Scott sabemos a distância que me separa do lugar onde eu deveria estar. Eles imaginam que se Scott está em meu lugar, então ele eventualmente telefonará para casa; e eu contemplo, em silêncio, o porquê de eu sequer ter cogitado essa ação. Pergunto-me se Scott estará cuidando bem de mim, da mesma forma que estou ten-

tando cuidar dele. Divago sobre perigos e penso que se Scott não cuidar de mim e morrer no meu lugar, teremos morrido os dois, em certo sentido, ao mesmo tempo em que continuamos existindo os dois, através de onde estou agora. O primo, então, aperta-me em um abraço e me lembra dela. Eu me levanto e me precipito até o quarto, onde encontro o celular sobre o traveseiro, bateria carregada. Ela tentara me contatar mais duas vezes e enviara três mensagens de texto. São quase dez horas da noite.

Apesar da urgência da ocasião, vesti a blusa de lã e saí do apartamento caminhando noite adentro. Considero pegar um táxi até meu novo destino, mas descarto a ideia por razões desconhecidas. O dinheiro que é de Scott já não parece tão sagrado, mas prefiro não gastá-lo. As ruas estão vazias e cai uma chuva fina. De longe, ouço sons de pessoas conversando e de carros deslizando pelas ruas. Meu coração, que são dois, desconhece a calma. Quando finalmente chego à casa dela, considero dar meia-volta. Não sei o que está acontecendo nem se existem regras que ditam o certo e o errado de não se estar no lugar em que se deveria estar. O sentimento de

estar extrapolando limites é maciço. O dinheiro e a comida de Scott perderam sua aura sacra. Mas ela, que está dentro da casa, é sagrada. Sagrada, mesmo que Scott a trate como mundana. Não é por intenção. Bato à porta e aguardo. Ela abre uma pequena fresta, encara-me com os olhos azuis repletos de lágrimas e pergunta onde estive. Respondo que não sei. Enfim, ela me acolhe. Minhas mãos tremem. Andamos pela casa e entramos no quarto dela, onde me sento na cama. Ela fecha a porta e menciona as mensagens e ligações. Não tento defender a mim ou a Scott. Não está dando certo, ela diz. Ela se sente sozinha e eu sei que tem razão. O que eu sou pensa que Scott é uma pessoa de valor. Ele faz tantas coisas que não faço e tem tantas coisas que não tenho. Ele tem alguém que sente sua falta e quer ficar mais tempo em sua presença. Eu não quero estar onde Scott está, mas começo a pensar que eu a levaria para minha realidade. Minhas vontades parecem abrir portas perigosas. A mágoa que ela sente é palpável. O que vamos fazer de agora em diante? É o que ela quer saber. O que eu quero é tocá-la, porque minha realidade é um borrão que eu já não reconheço a silhueta. Os erros de

Scott eu posso consertar. O que eu percebo, em sentimentos de pena, que não foi de intenção, eu posso desfazer em movimentos intencionados.

O que vamos fazer de agora em diante? Eu peço desculpas e a abraço, garantindo que dure mais do que os poucos segundos que seu corpo tenso normalmente permite.

Scott: eu assumo seus erros e suas culpas. As que não foram por intenção e as que foram por querer. Eu assumo seus dissabores e suas incompetências. Tudo o que peço é que se você estiver em meu lugar, desfoque ainda mais minha realidade a ponto de eu nunca mais saber o que eu não tinha e os espinhos nos quais pisei. Controle minha carcaça e a faça saltar de um abismo em direção à inexistência. Abraçado a ela, eu posso existir por nós dois.

Murilo Lopes nasceu em Curitiba, em 1986, onde vive. Formado em Publicidade e Propaganda, trabalha no Grupo Paranaense de Comunicação (RPC) desde 2014 e concilia seu trabalho com a escrita e a leitura.

WILAME PRADO

JUNINHO

Minha história é sobre morte, vida e pai. Sobre não ter um pai, mesmo tendo. Sobre saber que há um pai vivo — pelo menos até os meus 21 anos de idade — e mesmo assim nunca o ter sentido. Pai ausente, pai canalha, eu diria. Pai das pingas, das mulheres, das bichas. Pai ausente, pai canalha, pai que não é pai direito. Pai que viabiliza os traumas dos filhos. Traumas meus. E da minha irmã, hoje evangélica convertida. Vai saber o porquê. Por culpa do pai, ou graças a Deus? Pai nunca esteve em casa. Pai estava sempre fora de casa. São Paulo. Anos 1980–1990. Pai ausente, pai canalha. Vai para o trabalho. A

pia do banheiro recebe seu cuspe. Escova os dentes. Depois do café. É tão cedo. Ele chegou tão tarde. Mesmo assim, pai canalha, pai ausente, vai para o escritório. Ganha o seu dinheiro. Paga o seu consumo de álcool e drogas. Paga o sexo. Convence, pelo charme, pela gravata, que é digno de sexo gratuito. Mesmo com a barriga, mesmo com o rosto pouco bonito; um cearense feio. Elas fazem sexo com ele. Eles também, eu suspeito. Pai canalha não volta para casa. Sua jornada não se encerra às 18 horas. Sua *happy hour* não dura uma horinha ou duas. Pai só chega em casa quando os filhos estão dormindo. Colégio é puxado. Nada de criança até tarde no videogame. Ou na TV. Mas eu fico. Minha mãe, coitada, não tem autoridade. Culpa de um pai canalha, que desmerece a sua autoridade. Eu o vejo chegando. Andando pelado entre o quarto e o banheiro. Pai de pinto grande, um canalha. Eu vejo. E tenho o pipi pequeno. Ele se revigora com a água fria do chuveiro. O canalha, impressionantemente, não precisa de muitas horas de sono. Já é outro dia. Tirando um excesso de tosse — escutei na alta madrugada (um maço de cigarros por dia) —, está tudo bem com o pai. É

outro dia. Ele está tão bem que, perto do almoço — mas só para abrir o apetite —, vai pedir para o Baiano da padaria aquele já combinado rabo de galo em xícara de café. Consumo de álcool disfarçado de cafezinho. Escritório, alcoolismo. Corretagem de seguros. Pai paga as contas. Não todas. Algumas. O maior medo de toda minha infância era de que os diretores do colégio falassem para toda a classe que o meu pai é um canalha e que deve o ano todo de mensalidade escolar. Pai canalha, pai covarde. Bate na mãe. Mãe é forte. Pai a chama de gorda, às vezes. Mas ela não é. É linda, isso sim. Mas toma tapa na cara, empurrão, puxão de cabelo e uma dolorosa pancada, bem na cabeça, com a pontinha de madeira da faca de cortar bife. Disso eu nunca me esqueço. Naquele dia, pai viu meus olhos claros olhando para aquela violência toda. Pediu desculpas, um canalha. Não o perdoei. Ele saiu de carro. Acho que ficou uns quatro dias longe de casa. Quando chegou não olhou para os meus olhos claros. Senti remorso. Anos se passaram. Hospital da Zona Leste de SP. Ele parece um sapo de tanto inchaço após um AVC. Então me lembrei do meu não perdão. Chorei um pouco.

Ele morreu, por fim. Eu o havia perdoado. Fiz uma promessa: a de que se ele ficasse vivo, eu cuidaria dele, muito provavelmente inválido. Numa cadeira de rodas, que eu empurraria para cima, para baixo. Eu lavaria até o pinto grande dele, e murcho. O pinto do meu velho e canalha pai. Mas ele morreu, por fim. Passei a acreditar ainda mais nesses lances de que a pessoa em coma escuta tudo o que a gente diz no leito de morte, numa cama quente de hospital. Escuta até o nosso pensamento. Naquele dia, perdoei o velho e fiz promessas. Ele não me escutou. Morreu. Até que deu um alívio pequeno, em meio a tanta dor. Eu já morava no Paraná. Fui visitar o velho uns três dias antes de ele morrer. Lá no hospital sujo e escroto da Zona Leste de São Paulo. Mas tinha final do Paulistão bem naquele domingo. Fiquei puto de perder Santos x São Caetano no Morumbi. Não revelei para minha irmã esse meu desejo, o de assistir futebol em vez de pai morrendo. Aguentei firme: filho precisa ver pai moribundo. Essa é a regra da convivência. A minha esperança era de que a visita demorasse quase nada. Então iria rumo ao espetáculo de futebol. Nada disso aconteceu. Vi um

velho inchado, língua meio para fora, bochecha que parecia querer explodir. A violência de um AVC conseguiu ser maior que a violência de um pai covarde, um canalha. Naquele estado, sobrevivesse ele, nem pagando ele teria sexo delas, ou até deles. Ele seria um velho fodido e mal pago, mesmo prestes a completar só 50 anos. Alguns dias depois, ele, então, morreu e eu fiquei me enganando, dizendo para mim e para um ou outro que o velho esperou a minha visita para morrer. Antes da visita, contava uns 12 ou 13 dias de coma. Depois da visita, foram uns dois ou três dias para ele morrer. Dia Internacional do Trabalho. Feriado. Esperamos, aqui no Paraná, quase 15 horas o corpo chegar. Chegou. Abracei alguém próximo para não cair no chão. Sentia vergonha. Todos olhando para mim e cochichando: “Aquele é o filho”. Vergonha e dor no peito. Um choro que teimou em sair juntamente com uns sons desagradáveis, tipo uns soluços. Acho que babei na camisa de alguém. Não gostaria de ter ficado no enterro do pai canalha. O sono bateu, mas era desagradável deixar o corpo sozinho em seu caixão horrível, ao lado de um monte de flores malcheirosas. Minha irmã?

Acho que foi dormir ou não tinha chegado de São Paulo. Sobrou para o filho, o que prometeu empurrar cadeira de rodas e que só perdoou o pai quando ele estava em coma. No fim das contas, o resultado foi positivo naquele velório esvaziado. Santa Fé. Minúscula cidade do interior do Paraná. Madrugada de 2 de maio de 2007. Vagabundos, gays, aposentados, maníacos e loucos comem bolacha de água e sal e tomam chá e café muito doces do lado de fora da casa onde um pai canalha está sendo velado pelo filho. Algo especial aconteceu naquele momento: senti o espírito do velho pai morto. Ele ficou contente de me ver ali, sozinho, ao lado do caixão. O espírito do meu pai xingou quase todo mundo que foi naquele velório. Retomamos, eu e o meu pai, uma amizade que jamais havia existido. Chorei de alegria. Fiquei emocionado. Acreditei em Deus por um momento. O dia amanheceu. Com a certeza de que o espírito do meu pai estava em paz, levei com firmeza o caixão para a cova que aguardava silenciosamente somente um corpo de um canalha que, carinhosamente, sempre chamou o filho pelo diminutivo: “Juninho”. Quando meu pai morreu, em 1º de maio de

2007, eu morri também. O Juninho morreu. Ninguém mais me chamou por este nome. Agora eu assumia a alcunha do meu pai. Teria de substituí-lo. Era eu o homem da casa. Mas que casa, meu Deus? Família já não havia. Irmã estava a quilômetros de distância. Mãe casou rapidamente com outro. Um japonês quieto e teimoso. Dentro da casa dos dois, o filho era o filho do outro. O Juninho dos tempos de outrora. Chamavam-me de vagabundo. Pensavam que eu fumava maconha. Um dia a gente se cansa de ser chamado de vagabundo. Então fui embora da casa da mãe. “Que família? Que casa? Agora eu era o homem da casa? Só se for a casa do caralho”, esbravejava, em pensamento, logo quando descia do ônibus, em uma nova cidade. Um novo homem era eu caminhando pelas ruas de Maringá, Paraná. Vinte e um anos de idade. Tudo pela frente. Magrelo e faminto. Sempre com fome, eu andava e andava. Não havia carro, não havia moto, nem mesmo transporte coletivo. Eu precisava ir a pé aonde quer que eu fosse. Faculdade, estágio na biblioteca, casa de amigos, casa de mulheres e principalmente para o bar. Afinal de contas, era eu o único a representar o meu

pai na face da terra. Não conheço os bastardos, e a irmã virou crente. Então era brinde atrás de brinde. Aquele eterno embebedar. Às vezes vomitava. Mas era bom. Dava mais espaço para a bebida. Ingerindo líquidos saborosos. Cerveja era o que eu mais bebia. Mas, às vezes, entrava também pinga, uísque barato, conhaque, vodca. Uma vez bebi álcool de posto com Fanta. Eu bebia de tudo, precisava representar bem o velho e canalha pai morto. Fiz as pazes com ele. Perdoei as agressões e as ausências. Agora eu finalmente o entendia. Ele precisava beber, assim como eu preciso. Precisava correr desesperadamente atrás das mais variadas formas possíveis de se fazer sexo. Assim como eu também preciso. Ah, meu velho pai: eu estava errado quando criança. Você pode perdoar uma criança ingênua? Na verdade, o distante era eu. Rejeitei o velho pai muitas vezes. Escondia-me dele. Saía de casa para não vê-lo. Tinha vergonha dele. Agora tenho saudades. Dentro de casa, à noite, quarto ou quinto copo, olho pela janela do sétimo andar, convencendo-me de que aquela estrela é o pai. Ele me protege, me guarda e me dá o aval para continuar a vida assim: andando sozinho pelas

ruas de Maringá, bebendo para esquecer e também para lembrar que um filho sozinho nessa vida nada mais é do que um baita de um homem triste. Nunca mais ouvi alguém me chamando de Juninho.

Wilame Prado nasceu em São Paulo (SP), em 1985, e se mudou para o Paraná em 1999. Desde 2004 vive em Maringá (PR), onde atua como cronista e jornalista. Em 2011, estreou na literatura com o livro de contos *Charlene Flanders, que voava em seu guarda-chuva roxo, mudou minha vida* (Multifoco).

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO BASKERVILLE E IMPRESSO
PELA IMPRENSA OFICIAL SOBRE PÓLEN SOFT 80G/M² EM MAIO DE 2017
PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.

A Biblioteca Pública do Paraná, por meio do jornal *Cândido*, selecionou contos de autores entre 18 e 30 anos, nascidos ou radicados no Estado. Foram escolhidos textos de Andressa Barichello, Bolívar Escobar, Bruno Cobalchini Mattos, Bruno Vicentini, David Ehrlich, Gabriel Protski, Guy Fausto, Kayo Augustos, João Paulo Marcowicz, Luis Felipe Ferrari, Mateus Ribeyreite, Marco Aurélio de Souza, Marceli Mengarda, Murilo Lopes e Wilame Prado.



ISBN 978-85-66382-20-4



9 788566 382204